

Sesc | Serviço Social do Comércio



Serviço Social do Comércio
Departamento Nacional

SESC

★ **ORQUESTRAS** ★

JOVENS

E BANDAS DE MÚSICA

Rio de Janeiro
Sesc | Serviço Social do Comércio
Departamento Nacional
2022

Sesc | Serviço Social do Comércio

Presidência do Conselho Nacional
José Roberto Tadros

Departamento Nacional

Direção-Geral
Jose Carlos Cirilo (interino)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Bibliotecária: Renata de Souza Nogueira CRB-7/5853

Sesc. Departamento Nacional.

Sesc orquestras jovens e bandas de música / Sesc, Departamento Nacional. – Rio de Janeiro: Sesc, Departamento Nacional, 2022.

1 recurso eletrônico (6,96 Mb).

Suporte: E-book

Formato: Pdf.

1. Música - Instrução e ensino. 2. Música orquestral. 3. Educação musical. 4. Orquestra Jovem Sesc Brasil. I. Título.

CDD 780.7

© Sesc Departamento Nacional, 2022

Telefone: (21) 2136-5555

www.sesc.com.br

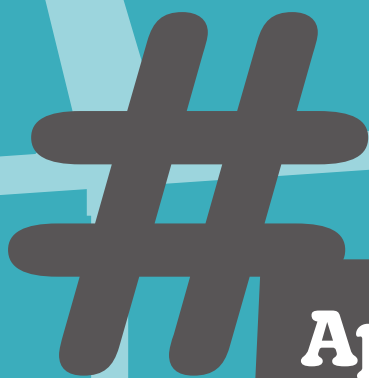
Distribuição gratuita, venda proibida.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei no 9.610, de 9/2/1998.

SUMÁRIO

#	Apresentação	6
#	Música e projetos sociais	9
#	Linha do tempo	21
#	Sesc Amazonas	24
#	Sesc Maranhão	34
#	Sesc Mato Grosso do Sul	41
#	Sesc Minas Gerais	48
#	Sesc Pará	55

#	Sesc Paraíba	61
#	Sesc Pernambuco	68
#	Sesc Piauí	75
#	Polo Educacional Sesc Escola Sesc de Ensino Médio	83
#	Polo Socioambiental Sesc Pantanal	90
#	Sesc Rio Grande do Norte	97
#	Sesc Roraima	103
#	Sesc Sergipe	111
#	Sesc Rio Grande do Sul Festival de Pelotas Orquestra Sesc Brasil	120



Apresentação

Música e cidadania

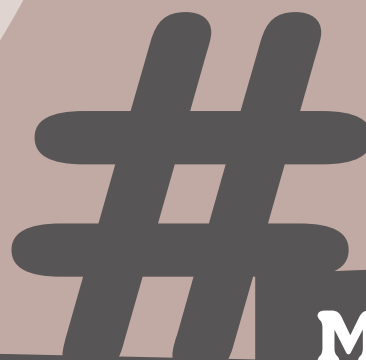
O Sesc acredita que a música tem papel fundamental no processo de construção da cidadania. Em busca de uma sociedade mais justa, solidária e democrática, desenvolve projetos que despertam a sensibilidade, ampliam o conhecimento e possibilitam uma compreensão mais profunda da sociedade. O ensino de música no Sesc oferece conteúdos relacionados ao desenvolvimento de habilidades, capacitando os estudantes por meio da vivência musical prática, com aprofundamento no estudo técnico, teórico e conceitual. Por meio de uma base formativa que permite a evolução continuada dos alunos, as atividades estimulam o interesse pela música, oferecendo a oportunidade de contato com a linguagem musical, desenvolvendo suas potencialidades de forma ampla e favorecendo o aprimoramento das capacidades perceptiva, interpretativa e criativa.

A arte e a educação são importantes meios de intervenção social, e seus efeitos criam condições extremamente favoráveis para que o indivíduo possa escolher seu próprio horizonte. A consolidação de projetos sociais que utilizam a música nessa direção tem alcançado resultados importantes em diversos países, transformando a realidade de crianças e jovens que se encontram em situação de vulnerabilidade social, o que demonstra a relevância do papel da educação musical e seu caráter transformador.

No Brasil, os projetos que utilizam a música como meio de transformação, unindo educação musical à inclusão social de jovens artistas, se multiplicaram nos últimos anos e têm obtido grande visibilidade. Pioneiro nessa linha de atuação desde 2004, o Sesc desenvolve, em todas as regiões do país, projetos que utilizam a formação orquestral como estratégia de mediação entre música e educação, buscando cumprir seu compromisso com a transformação social, atendendo tanto a sua clientela, o comerciário, como o público em geral, representado por todos os segmentos sociais. Desde o início, o Departamento Nacional do Sesc vem destinando apoio técnico e financeiro para projetos dessa natureza nos Departamentos Regionais. Em 2021, foram identificados projetos de bandas de música e orquestras jovens em 12 estados do país, nos quais muitos dos jovens provêm de situações de vulnerabilidade social.

Com o intuito de promover a qualificação e o intercâmbio entre jovens e profissionais dos projetos locais, o Departamento Nacional do Sesc propôs a criação da Orquestra Jovem Sesc Brasil, reunindo integrantes das Bandas e Orquestras Sesc do país. O primeiro encontro, realizado em 2019, durante o IX Festival Internacional de Música de Pelotas, propiciou aos jovens a oportunidade de realizar aulas práticas e teóricas com professores referências da música de concerto. No ano seguinte, a orquestra voltou a se reunir, e foi realizado também um encontro de coordenadores e maestros. Em 2021, por meio da parceria entre a Gerência de Formação e Pesquisa e a Gerência de Cultura, foi iniciada a ação de capacitação técnica “Orquestras e bandas Jovens do Sesc”, abordando conceitos didáticos, pedagógicos e o intercâmbio de saberes entre os profissionais. A ação envolveu o mapeamento dos projetos ativos, a elaboração de uma trilha formativa on-line e a produção de um videoconcerto com alunos de todos os projetos. É nesse sentido que esta publicação se insere, buscando reunir e registrar um pouco da memória destes projetos surgidos em diferentes momentos e locais.

Por seu pioneirismo e por estar nessa linha de atuação em todo o Brasil, o Sesc possui plena condição para assumir o papel de fomentador da educação cidadã no país, investindo no fortalecimento do intercâmbio entre as iniciativas, no aprimoramento técnico dos profissionais, no registro dos saberes e práticas e na difusão desse conhecimento. Esta publicação apresenta uma parte dessa história, escrita a partir da visão de seus instrutores, maestros e integrantes. As entrevistas relatam experiências de vida dos personagens e demonstram o impacto das experiências adquiridas durante suas jornadas nas Orquestras Jovens do Sesc.



**Música
e projetos sociais**



Projetos sociais em música: reflexões sobre a educação musical desenvolvida em orquestras sinfônicas

Ariana Perazzo da Nóbrega¹

Se soubéssemos mais sobre a “música” como uma capacidade humana e de seu potencial como força intelectual e afetiva na comunicação humana, na sociedade e na cultura, poderíamos usá-la de forma mais geral para melhorar a educação e construir sociedades pacíficas, igualitárias e prósperas no século XXI (...). (Blacking, 1995, p. 242)

A partir dos anos 90, os projetos sociais em música têm tido uma grande expansão e visibilidade no Brasil e no mundo, de forma a impactar o cenário musical em diversos países. Entidades civis e filantrópicas, organizações não governamentais (ONGs), empresas e o terceiro setor têm apoiado essas ações, com a finalidade de minimizar problemas sociais como pobreza, abandono familiar, exclusão social e migração, cada vez mais presentes na sociedade contemporânea.

O ensino e a aprendizagem musical aplicados ao contexto de projeto social são evidenciados em publicações e eventos nacionais e internacionais: a Associação Brasileira de Educação Musical, a *International Society for Music Education*, o *International Journal of Education and Art*, os *Research Studies in Music Education*, o *International Journal of Community Music*, entre outros. Estudos têm mostrado experiências positivas de práticas musicais associadas às questões socioeducacionais, de modo a promover o desenvolvimento

¹ Professora de Viola da Universidade Federal da Paraíba, doutora em Ciências Musicais/Ensino e Psicologia da Música pela Universidade Nova de Lisboa-Portugal, mestre em Música/subárea Viola, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e bacharel em Música com habilitação em Viola pela Universidade Federal da Paraíba. Foi integrante da Orquestra Sinfônica da Paraíba, Orquestra de Câmara da Universidade Federal de Pernambuco e da Camerata Arte Mulher. Tem desenvolvido estudos nas áreas de Musicologia, Educação Musical e Psicologia da Música, apresentando-se no Brasil e em Portugal.

social, cognitivo e emocional do indivíduo e, conseqüentemente, mudanças significativas nas suas trajetórias de vida e de suas comunidades (Booth & Tunstall, 2014; D'Alexander & Ilari, 2016; Hikiji, 2006; Kleber, 2006; Koopman, 2007; Müller, 2000; Nóbrega, 2018; Santos, 2014).

Os projetos sociais estão inseridos no campo da educação não formal pela flexibilidade que o processo pedagógico-musical é desenvolvido e atuam em contextos menos favorecidos no âmbito social, cultural e educacional. O ensino da música está voltado para a formação humana e integral, fundamentado nos princípios de igualdade e de justiça social, propiciando o protagonismo do indivíduo na sua vida e na sociedade.

Para Jorgensen (2020), a abordagem humanizadora na educação musical deve considerar a música como meio de resistência. Ou seja, incluir valores humanitários na aprendizagem e na formação dos professores de música, em um cenário que são valorizados os vínculos afetivos, a solidariedade, as abordagens ecológicas à educação musical em comunidades sagradas e o acolhimento aos alunos transgêneros. Para a autora, a educação musical pode promover o desenvolvimento de competências cooperativas, trabalhando em coletividade, com respeito mútuo e valorização das diferenças entre pessoas, sua música e sua cultura.

Em uma grande parte dos projetos em música, a aprendizagem é realizada coletivamente, e a orquestra é privilegiada. Acredita-se que o coletivo propicia a vivência de processos de humanização por meio da criação de vínculos afetivos, respeito às diferenças e construção de identidades socioculturais.

El Sistema, um modelo a seguir?

O programa chamado Sistema Nacional de Orquestras e Coros Juvenis e Infantis da Venezuela, conhecido internacionalmente como *El Sistema*, é uma das principais referências de ensino coletivo de música e prática orquestral em contexto não formal. O objetivo principal do programa é promover a transformação social por meio da excelência musical.

Na perspectiva do programa, as orquestras e os coros são considerados importantes ferramentas para a ação social e as escolas de vida social, favoráveis para o desenvolvimento de habilidades e competências relevantes para a convivência em comunidade.

Considerado um “fenômeno musical e educacional” (Sánchez, 2007, p. 64), o *El Sistema* foi idealizado pelo maestro e músico venezuelano José Antonio Abreu, em 1975. Pertence à Fundação Musical Simón Bolívar e tem apoio financeiro do Ministério Nacional da Saúde e Desenvolvimento Social, além de empresas estaduais e nacionais.

O programa é gratuito e não há seleção na admissão, aspectos relevantes para tornar a participação acessível para todos. Porém, quando os critérios de acesso estão baseados nas habilidades musicais, exclui, por vezes, uma parte do público.

Contempla crianças e jovens de diferentes contextos econômicos e socioculturais da Venezuela, entretanto a grande maioria encontra-se numa situação de vulnerabilidade social, educacional, econômica e em situação de risco. Promove a inclusão de pessoas com deficiência e aquelas instaladas em sistemas prisionais e hospitalares. No geral, poucos projetos sociais têm tornado possível a participação de pessoas com deficiência na aprendizagem musical.

O número total de participantes é de 1.012.077² crianças, adolescentes e jovens e 5.021 professores, distribuídos numa média de 443 núcleos entre os 24 estados da Venezuela. Cada núcleo possui seu centro acadêmico (teoria) e sua orquestra (prática). Em novembro deste ano, o *El Sistema* conquistou o recorde mundial do *Guinness* como a maior orquestra do mundo ao reunir 8.573 instrumentistas.

A música erudita da tradição europeia é predominante, sendo incluídas também músicas venezuelanas (popular e erudita), músicas latino-americanas, entre outros estilos e gêneros musicais. Promover a imersão na aprendizagem musical é uma das características do programa. As aulas são desenvolvidas de

² Disponível em: <https://elsistema.org.ve/educacion/nucleos-y-modulos/>.

quatro a seis dias da semana, entre aulas de instrumento, ensaios de orquestra e aulas de teoria/história da música (Creech, González-Moreno, Lorenzino, & Waitman, 2016). O esforço individual realizado no trabalho coletivo em orquestras e coros é considerado de grande relevância para direcionar os objetivos e alcançar metas almejadas, por ser um aprendizado de grande valia para toda a vida.

Programas inspirados no *El Sistema* têm expandido mundialmente e são implantados em mais de 60 países da América, África, Europa, Ásia e Oceania, adaptados aos diferentes contextos culturais, sociais e econômicos e às necessidades de cada comunidade.

No Japão, por exemplo, apesar do país apresentar uma situação econômica e educacional privilegiada, o Sistema Japão foi criado com o objetivo de promover o desenvolvimento social e o bem-estar em comunidades com altos índices de suicídio e estresse entre jovens e traumas resultantes de catástrofes ambientais e humanas (Booth & Tunstall, 2014). No Sistema New Brunswick, no Canadá, a prática musical em orquestra visa o desenvolvimento de crianças e jovens, a inclusão e a assistência às comunidades aborígenes (Savoie, 2012). A Orquestra Juvenil de Los Angeles, nos Estados Unidos, parte do Sistema Los Angeles, procura mais inserção de integrantes de comunidades consideradas marginalizadas, mais especificamente da população negra e latina (Flenaugh, 2012). O NEOJIBA,³ no Brasil, apesar de contemplar crianças e jovens de todas as classes sociais, procura integrar às práticas orquestrais àqueles que encontram-se situados em comunidades com grandes problemas sociais relacionados à violência, à pobreza, à criminalidade e ao tráfico de drogas (Nóbrega, 2018).

Além do NEOJIBA, outros projetos no Brasil seguem o modelo do *El Sistema*: Ação Social pela Música do Brasil (Rio de Janeiro-RJ, Petrópolis-RJ, João Pessoa-PB e em Ji-Paraná-RO), Orquestrando a Vida (Campos dos Goytacazes-RJ) e o Projeto de Inclusão Social através da Música e das Artes – PRIMA (João Pessoa-PB e vários polos no estado).

³ Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia, com sede em Salvador, e que possui vários núcleos distribuídos em todo o estado da Bahia.

Apesar do desafio em promover uma educação musical inclusiva em diferentes contextos sociais e culturais, o *El Sistema* e os programas inspirados no seu modelo têm tornado o ensino da música mais acessível, descentralizado e democrático.

Orquestra, laboratório de práticas musicais e formação humana?

A crescente expansão do *El Sistema* e de programas inspirados no seu modelo pedagógico tem intensificado debates e reflexões sobre práticas pedagógicas desenvolvidas em projetos sociais em música.

A utilização da orquestra como ferramenta para a educação musical em contexto de projeto social é uma das principais discussões na área. Um estudo etnográfico sobre o *El Sistema*, realizado por Baker (2014), aponta a orquestra, de uma forma generalizada, como uma estrutura eurocêntrica, hierárquica, competitiva e com predomínio da relação de poder sobre os participantes.

Em contrapartida, estudos em projetos sociais mostram que atividades coletivas realizadas em orquestras favorecem o desenvolvimento de habilidades e competências individuais e sociais e mais bem-estar social e emocional. Alguns benefícios destacam-se, como a motivação na aprendizagem, o sentimento de pertencimento, a colaboração e a cooperação em equipe para alcançar objetivos comuns, a disciplina, a tolerância e as perspectivas profissionais futuras. O fortalecimento da autoestima, da concentração e da melhoria no rendimento escolar também foram observados entre os participantes dos projetos em estudos (Creech, González-Moreno, Lorenzino, & Waitman, 2016; D'Alexander & Ilari, 2016; Nóbrega, 2018; Santos, 2014; Veloso, 2016).

A estrutura da orquestra, muitas vezes, é comparada à da sociedade. Dessa forma, a condução das práticas musicais em orquestras sinfônicas pode ser direcionada tanto para o autoritarismo e para a intolerância como para o trabalho em equipe baseado na cooperação e no respeito à diversidade em prol do bem comum.

Proporcionar práticas que estejam voltadas aos interesses de cada integrante, privilegiando a autonomia, a criatividade e uma participação ativa são possíveis de serem desenvolvidas na orquestra. Inserir instrumentos não

convencionais, repertórios que contemplem a diversidade musical e articular a tecnologia às práticas orquestrais são estratégias que podem favorecer a motivação e mais integração de todos.

Diversidade cultural e música erudita europeia

A centralização e a valorização da música erudita europeia, em detrimento às outras culturas musicais, prática evidenciada em muitos projetos sociais, vêm sendo problematizada no campo da música, principalmente no âmbito da educação musical e da etnomusicologia. Pesquisadores têm considerado essas práticas educativas eurocêntricas e excludentes.

Contemplar a diversidade musical na educação musical é estabelecer diálogos com toda a sociedade, sem exclusão, proporcionando conhecimento amplo sobre a cultura e a interação entre diferentes tipos de música e grupos sociais. É romper com preconceitos e respeitar às singularidades existentes em cada contexto cultural. Um amplo olhar sobre o conceito de música abre caminhos para práticas interculturais, tolerância às diferenças e experiências mais enriquecedoras com a música. No Brasil, ainda há instituições formais de ensino da música que promovem o monoculturalismo, excluindo, por exemplo, culturas de matriz africana e dos povos indígenas das suas práticas e discussões.

E, nessa perspectiva, tornar acessível também a música erudita europeia, considerada “cultura de elite” (Bourdieu, 1979, p.17), possibilita um amplo conhecimento sobre a música de outras culturas, sendo inserida sem hierarquização. No projeto social NEOJIBA, o ensino da música erudita europeia e suas respectivas escolas europeias de instrumentos de cordas predominam nas suas práticas orquestrais. Entretanto, Nóbrega (2018) observou que os conhecimentos técnicos e musicais adquiridos permitiram que seus participantes desenvolvessem habilidades nos seus instrumentos, possibilitando transitar em diferentes gêneros e estilos. Essa prática não impede que as ações pedagógicas desenvolvidas estabeleçam diálogo com as manifestações musicais da cultura local, principalmente de matrizes culturais africanas muito presentes na Bahia.

Formação do professor para atuar em projetos sociais

O Anuário VivaMúsica! 2012⁴ apresentou o dossiê “Cidadania Sinfônica”, em que reconhece a consolidação de projetos sociais voltados para o ensino de instrumentos sinfônicos em todo o mundo e aponta como um novo campo de atuação para educadores musicais.

A função do professor é primordial para promover experiências significativas e o envolvimento dos alunos na aprendizagem. Entretanto, para atuar em projetos sociais é necessário o comprometimento com a função educativa articulada com as questões sociais, mediada pela música. O professor, a partir de suas ações, pode promover nos seus alunos processos de conhecimento e autoconhecimento, amplitude de visão de mundo e desenvolvimento de suas potencialidades, de forma a facilitar sua inserção na sociedade.

No entanto, é percebido que, durante a sua formação profissional, competências necessárias para lidar com as diversidades sociais e a imprevisibilidade, em diferentes contextos, não são desenvolvidas. Uma grande parte das instituições de ensino superior não prepara o futuro professor para atuar nesse contexto. Ainda prevalece o foco nas habilidades e nas competências técnicas, de modo a desconsiderar uma perspectiva mais ampla de formação humana.

O processo formativo do professor deve ter uma perspectiva multidisciplinar, em um diálogo com áreas afins, como a educação social, a psicologia, a pedagogia social, a gestão administrativa, além da própria música. Desse modo, estabelecer parcerias entre a academia e os projetos sociais parece ser relevante ao articular o conhecimento científico com as reais necessidades que emergem a partir de práticas musicais desenvolvidas nas diferentes realidades socioculturais das comunidades.

⁴ Anuário VivaMúsica! 2012. Dossiê Cidadania Sinfônica. Rio de Janeiro: VivaMúsica!, 2012, p.12-117. Disponível em: <http://www.vivamusica.com.br/>.

Considerações e perspectivas futuras

A consolidação dos projetos sociais em todo o mundo tem trazido debates e reflexões enriquecedores, de modo que vislumbre uma educação musical cada vez mais inclusiva, transformadora e conectada com a contemporaneidade.

Estudos evidenciam que os projetos sociais, quando comprometidos com a formação humana e integral dos participantes, alcançam mudanças significativas em suas vidas e nas de suas comunidades. E a música é uma forte aliada nesse processo, pelo seu poder transformador nos âmbitos educativos, sociais, culturais e cognitivos.

É possível perceber o resultado dessas ações nas mudanças de perspectivas dos participantes e nas possibilidades de profissionalização, não apenas na música, o que gera um grande impacto educacional, econômico e social nas comunidades. No campo da música, mais especificamente, alguns instrumentistas que iniciaram em projetos sociais já se encontram em orquestras profissionais, ministrando aulas e aprofundando seus estudos em conceituadas universidades no país e no exterior.

Atentas a esse movimento, iniciativas pontuais de algumas orquestras sinfônicas profissionais, instituições culturais e universidades têm procurado direcionar suas ações mais conectadas com as reais necessidades de suas comunidades. Assim, se assume um compromisso social com mais democratização do acesso à educação, à música e à cultura.

No Brasil, a Filarmônica de Minas Gerais (Belo Horizonte-MG), a Orquestra Petrobras Sinfônica (Rio de Janeiro-RJ) e a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (São Paulo- SP), por meio das suas academias, têm contribuído na transição dos participantes dos projetos sociais para as escolas especializadas de música e universidades e na sua inserção profissional.

O Sistema Nacional das Orquestras Sociais do Brasil – SINOS, criado pela Funarte em parceria com a Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é um programa de apoio às orquestras sociais. Profissionais da música de várias partes do país participam na realização de cursos, oficinas, concertos e festivais.

Formações promovidas pelo Sesc, com o objetivo de qualificar professores e regentes que atuam em projetos sociais no Programa Cultura dos Polos e dos Departamentos Regionais, também são uma iniciativa exitosa.

O Sistema Europa⁵ e o Sistema Global⁶ têm proporcionado encontros e intercâmbio de conhecimentos e práticas entre programas inspirados no *El Sistema* na Europa e no mundo.

Encontros como a Bienal de Música e Cidadania, no Brasil, Seminário Internacional de Música e Transformação Social, este ano realizado na cidade de Ibagué na Colômbia, têm promovido troca de experiências e interações entre gestores de projetos sociais, professores, músicos e pesquisadores.

Desse modo, ampliar redes colaborativas entre vários setores da sociedade parece ser o caminho para fortalecer as ações desenvolvidas em projetos sociais, de forma a priorizar o diálogo, o respeito às diferenças e às diversidades culturais e sociais na construção coletiva de um mundo melhor para viver: mais justo, inclusivo e democrático.

Referências

BAKER, G. (2014). *El Sistema: orchestrating Venezuela's youth hardcover*. New York: Oxford University Press.

BLACKING, J. (1995) *Music, culture and experience*. Chicago: University of Chicago Press.

BOOTH, E.; & TUNSTALL, T. (2014). Five encounters with El Sistema international: a Venezuelan marvel becomes a global movement. *Teaching Artist Journal*. 12, 69-81.

⁵ Sistema Europa é uma rede que reúne todos os projetos europeus inspirados no *El Sistema*. Disponível em: <http://www.sistemaeurope.org/>.

⁶ Assim como o Sistema Europa, o Sistema Global funciona como uma rede com o objetivo de conectar projetos de todo o mundo que têm o *El Sistema* como referência para as suas práticas. Disponível em: <http://sistemaglobal.org/>.

BOURDIEU, P. (1979). *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Minuit.

CREECH, A.; GONZÁLEZ-MORENO, P.; LORENZINO, L.; & WAITMAN, G. (2016). *El Sistema and Sistema-inspired programmes: A literature review of research, evaluation, and critical debates*. *Sistema Global*, (2nd ed.) San Diego, Califórnia. Recuperado de <http://sistemaglobal.org/literature-review/full/>.

CUPUL, P. B. (2016). Bandas Juveniles Musicales de Yucatán: los desafíos en La implementación de un programa músico-social. *Revista Internacional de Educación Musical*, 4, 61-73.

D'ALEXANDER, C.; & ILARI, B. (2016). La transformación social de dos estudiantes en un programa Orquestal inspirado en El Sistema. *Revista Internacional de Educación Musical*, 4, 75- 85.

FLENAUGH, T. C. (2012). *Youth Orchestras Los Angeles: Creating Access to High Quality Music Education for Underrepresented Students of Color*. Unpublished dissertation, d Mus Arts, University of California, Ann Arbor, MI: ProQuest LLC.

HIKIJ, R. S. G. (2006). *A música e o risco: etnografia da performance de crianças e jovens*. São Paulo: Editora da USP.

JORGENSEN, E. R. (2020). Alguns desafios para a educação musical. O que podem fazer os professores de música. Boal-Palheiros, G.& Boia, P.S.(orgs.) *Desafios em Educação Musical*. Edição: CIPEM/INET-md e Escola Superior de Educação Politécnico do Porto.

KLEBER, M. (2006). *A prática de educação musical em ONGs: dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Porto Alegre, RS, Brasil.

KOOPMAN, C. (2007). Community music as music education: on the educational potential of community music. *International Journal of Music Education*. 25(2), 151-163.

MÜLLER, V. B. (2000). *A música é, bem dizê, a vida da gente: um estudo com crianças e adolescentes em situação de rua na Escola Municipal de Porto Alegre-EPA*. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Porto Alegre, RS, Brasil.

NÓBREGA, A. P. (2018). *A motivação de crianças e jovens na aprendizagem musical em projetos sociais: NEOJIBA, no Brasil, e Orquestra Geração, em Portugal*. (Tese de Doutorado). Universidade Nova de Lisboa-UNL. Lisboa, Portugal.

SÁNCHEZ, F. (2007). El Sistema Nacional para las Orquestas Juveniles e Infantiles. La nueva educación musical de Venezuela. *Revista da Abem*, 18, 63-69. Porto Alegre.

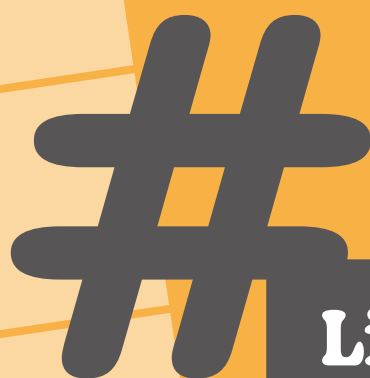
SANTOS, A. R. P. (2014). *O ensino em grupo de instrumentos musicais. Um estudo de caso múltiplo em Portugal e no Brasil*. (Tese de doutorado). Universidade do Minho, Braga, Portugal.

SAVOIE, I. (2012). *Evaluation Report: Evaluation of Sistema NB*: Department of Healthy and Inclusive Communities and Sistema New Brunswick.

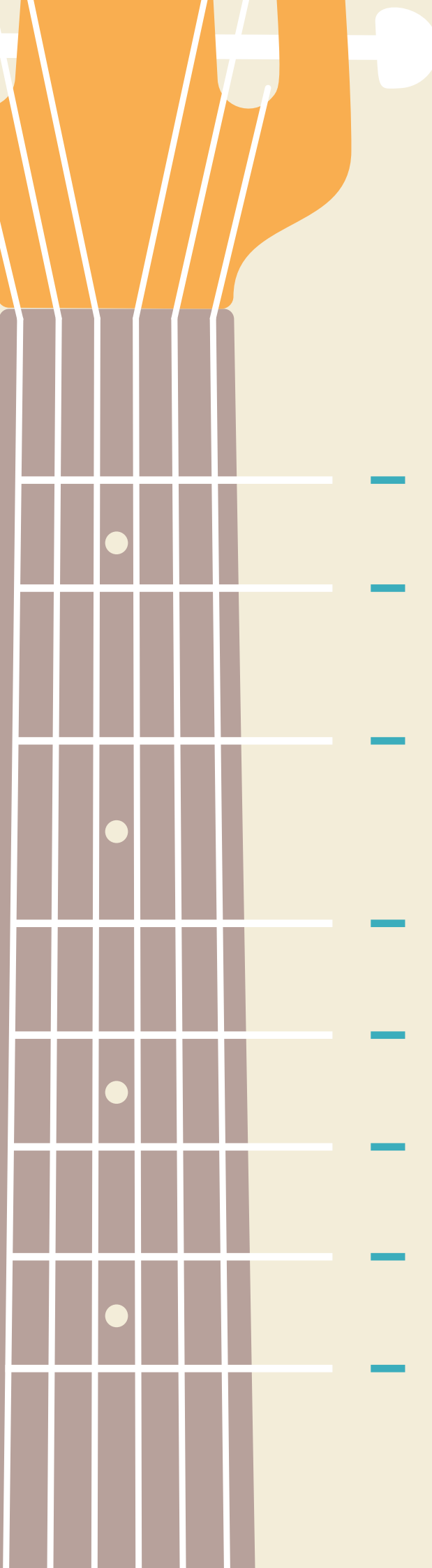
TUNSTALL, T. (2012). *Changing Lives: Gustavo Dudamel, El Sistema and the Transformative Power of Music*. New York: WW Norton/Co.

UY, M. (2012). Venezuela's national music education program El Sistema: Its interactions with society and its participants' engagement in praxis. *Music and Arts in Action*, 4(1), 5-21. Recuperado de file:///C:/Users/Dell/Downloads/66-473-1-PB.pdf

VELOSO, A. L. (2016). Más allá de la Orquestra Geração: El retrato de Manuela, una joven que soñaba con ser clarinetista profesional. *Revista Internacional de Educación Musical*, 4, 95-103.



Linha do tempo



Criação dos projetos das Orquestras do Sesc

2004

PI • Orquestra Jovem em Parnaíba

2005

RR • Orquestra de Câmara do Sesc Roraima

PI • Orquestra Jovem de Teresina

2006

RN • Projeto Educação Musical
com Xilofones Educativos

MA • Musicar

2007

RN • Orquestra Xilofônica do Sesc

2008

AM • Bamasa, Banda Marcial Sesc Amazonas

2009

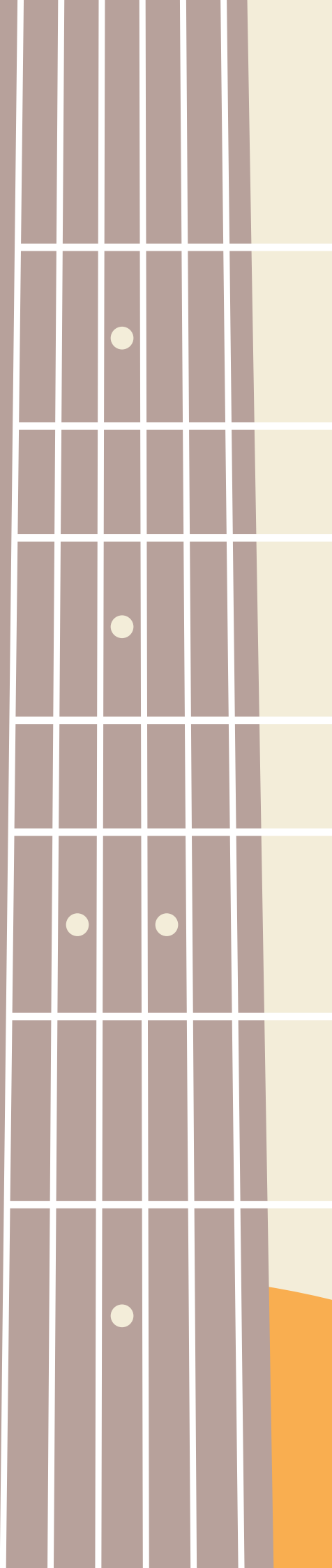
SE • Caravana da Esperança

2011

MG • Orquestra de Câmara Sesc

2012

SE • Projeto Camerata



2013

PE • Banda Marcial Princesa do Araripe

PE • Grupo de Violinos no Sesc Piedade

PE • Grupo Sementes Sonoras

2015

SE • Música no Sesc

2016

Polo Socioeducacional Sesc • Projeto Uzina
Orquestra da Escola Sesc de Ensino Médio

SE • Música e Transformação Social

2017

MS • Camerata Sesc Lageado

2018

MT • Camerata de Cordas de Rondonópolis

Polo Socioambiental Sesc •

Orquestra Jovem Sesc Pantanal

2019

PB • Orquestra do Sesc Paraíba

PA • Orquestra Jovem Sesc Pará

DN e DDRR • Orquestra Jovem Sesc Brasil

2020

RR • Formação de Orquestra Jovem Sesc





Sesc Amazonas

Referência de música e cidadania

O cenário era uma festa na Escola Municipal Vicente de Paula, em um bairro de Manaus que tem o nome de um pássaro típico da Amazônia, o Japiim, conhecido por seu dom de imitar o canto dos outros pássaros. A banda da escola empolgou o público e tinha conquistado o título de campeã na capital amazonense, sob a batuta de Manuel do Nascimento dos Santos Júnior, de 16 anos.



Era tão grande o entusiasmo desse jovem maestro à frente da banda que seria difícil acreditar que, um ano antes, ele não gostava de bandas, queria trabalhar com informática e chegou até ali por causa de uma aposta. “Era muito bom em matemática e um colega apostou comigo que ia tirar uma nota maior do que a minha na prova. Quem perdesse ia ter que entrar na banda da escola. Eu sempre tirava mais de 9 e ele não passava de 6, então não tive dúvida. Mas, dessa vez, ele tirou 9,8. Então, perdi a aposta e ganhei uma experiência nova: entrei para a banda e me envolvi tanto com aquilo que comecei a estudar música e acabaram me chamando para assumir a regência.”

Após a apresentação na escola em Japiim, Manuel foi chamado para conversar com uma convidada especial, Maria Lélia Bulgarelli, diretora do Centro de Educação Sesc José Roberto Tadros. “Você teria condições de fazer um projeto desse no Sesc?”, perguntou ela.

Manuel adorou a ideia e aceitou na hora o convite. Precisaria passar por um processo seletivo forte, concorrendo com vários professores de música, inclusive de outros estados, mas preparou-se bastante para as provas e ficou em 1º lugar.

O gosto pela música

A Banda Marcial Sesc Amazonas (Bamasa) começou em 2008, como complemento do ensino da matéria de Artes, com o propósito de atender os alunos do Centro de Educação Sesc José Roberto Tadros, por meio da educação musical. Inicialmente, o projeto contemplava cerca de 30 alunos com faixa etária de 10 a 14 anos.



“O ensino de música na escola do Sesc era como as outras matérias, a turma na sala de aula, com provas e notas”, lembra Manuel, que começou ensinando flauta doce para as crianças. “Formatei o projeto a partir da experiência que tive na outra banda, fazendo várias adaptações para adequar ao Sesc, com uma nova pedagogia. Implantamos o aprendizado da teoria musical desde o zero: aprender a ler música, as características de cada instrumento, estudando, inclusive, História da Música, enquanto formávamos a banda marcial, que era como uma orquestra de metais”, diz ele.

Em junho do mesmo ano, com três meses de aulas, a banda já realizava sua primeira apresentação no Parque Aquático da instituição, recebendo o carinho do público composto por pais e alunos. Poucos meses depois, os músicos e os professores desse grupo inicial vibraram de euforia ao receberem o troféu do Campeonato Amazonense de Bandas, promovido pela Federação Amazonense de Bandas e Fanfarras (Fambaf). “Chegamos lá como azarões e fomos campeões”, festeja Manuel. A partir das primeiras apresentações, a banda começou a receber convites cada vez mais frequentes, para eventos internos e externos, o que tornou imprescindível o amadurecimento musical do grupo. E esse trabalho levou o nome do Sesc para toda a parte.

O entusiasmo cresceu ainda mais quando as atividades artísticas — música, artes cênicas, dança, entre outras — passaram a ser coordenadas e executadas pelo Programa Cultura, em 2014, como lembra o gestor do Programa, Aldenir Barros Freire: “Adicionamos instrumentos novos, renovamos outros e criamos o corpo coreográfico para desfilar à frente da banda. O repertório passou a ser mais elaborado, com mais alinhamento na execução, e começamos a acumular premiações em todos os campeonatos, inclusive estaduais e em outras cidades, sempre em 1º lugar, ou 2º, ou 3º, reverberando de maneira extremamente positiva”. No campeonato da Fambaf, a banda do Sesc foi pentacampeã. E houve um ano em que a realização do concurso foi feita pelo próprio Sesc. Nesse contexto, a banda da instituição fez uma apresentação especial sem concorrer ao troféu.

A performance da banda marcial tornou-se um momento especial nos eventos internos e externos: início e encerramento do ano letivo, abertura de jogos e eventos esportivos em geral, Dia das Mães, Dia dos Pais, homenagem aos 70 anos do Sesc na Assembleia Legislativa, solenidades, inaugurações, datas comemorativas, ações solidárias, feiras de livros e inúmeros outros.

“Recebíamos ofício de escolas convidando para tocar nas datas cívicas, para as crianças marcharem, a diretora verificava o pedido e a gente atendia. Às vezes fazíamos quatro apresentações em um só dia, principalmente na primeira semana, quando todas as escolas desfilam”, recorda Manuel. No dia 5 de setembro é celebrado o Dia da Amazônia, destacando a importância da maior floresta tropical do mundo, na data em que a Província do Amazonas foi criada por Dom Pedro II, em 1850.



No entanto, por mais importantes que fossem as datas cívicas e os eventos internos, o que mais empolgava os integrantes da banda eram os concursos e festivais. “No festival de bandas e fanfarras que promovemos dentro do Sesc, chegamos a ter em circulação cerca de 4 mil pessoas, somando os participantes das bandas e a torcida”, conta Aldenir.

*Vamos conseguir
retomar toda a força
dos anos anteriores
para que a música
possa realmente
contribuir com essa
transformação social.*

(Aldenir Barros Freire)

Desde o momento em que passou a fazer parte do Programa Cultura, a banda abriu espaço também para alunos de baixa renda da localidade e adjacências, de maneira a buscar integração social, proporcionar recreação sadia, além de desenvolver vocações e aptidões musicais que contribuíssem para a formação musical, de forma a promover cultura e resgatar tradições musicais da região.

“A gente adorava se apresentar nos projetos sociais do Sesc em locais mais vulnerabilizados”, comenta o maestro

Manuel. “Nessas comunidades, surgiam vários jovens interessados em participar, geralmente sem nenhum conhecimento de música e, quando eram admitidos como alunos, se dedicavam muito a aprender o instrumento.”

Além de dar continuidade aos trabalhos no Centro Educacional do Sesc, a oferta de vagas foi uma grande oportunidade para os jovens de famílias de baixa renda interessados na formação musical geralmente inacessível para essas pessoas, inclusive pelo custo do instrumento. “Sempre emprestamos instrumentos, sem cobrar, orientando os alunos sobre os cuidados necessários. Assim, eles podem treinar em casa, e fica ainda mais forte o sentimento de seguir por essa área”, observa Izis Andrade da Cruz, responsável pelo apoio técnico nos projetos de Cultura.

Formada em licenciatura em Música, exercendo no Sesc a função de técnica superior na área de música e concluindo especializações em Arte Educação e Musicoterapia, Izis destaca a importância da Bamasa como

referência em Manaus, pela qualidade da adaptação do repertório para o estilo de banda marcial.

Já o maestro Manoel trabalha com elementos musicais mais variados, aproveitando canções populares, temas de filmes, músicas regionais e outros gêneros, do clássico ao funk. Ele fala ao público sobre os compositores clássicos de um jeito familiar, como se estivesse falando de um artista pop. Impossível não lembrar do talento do pássaro Japiim, nome do bairro onde ele começou sua trajetória de maestro.

Como o maestro mesmo diz, seu foco é fazer os músicos e o público sentirem gosto pela música. “Ele sabe explorar muito bem a formação de banda, criando arranjos que aproveitam os instrumentos de banda marcial em sonoridades de outros estilos, até mesmo sinfônicos. Por exemplo, jogando trechos de instrumentos de cordas para teclados percussivos, como marimba, xilofone etc., e consegue aproveitar todos os instrumentos de modo que nenhum aluno fique sem tocar”, comenta Izis.

A Bamasa dissemina a música entre o público jovem, criando, assim, mecanismos de divulgação da cultura musical de bandas e fanfarras na cidade de Manaus, com o foco na relevância da música na escola, nas comunidades e na sociedade.



“A gente vê que eles chegam ouvindo um repertório e depois eles mesmos vão desenvolvendo uma sensibilidade maior a partir do conhecimento da música”, comenta Manuel. “Os jovens que chegavam para participar da banda, em sua grande maioria, nunca tinham entrado antes num teatro. Depois de algum tempo, chegava no grupo e dizia que ia ter uma apresentação de alguma orquestra e todo mundo ia assistir. Isso acabou virando um hobby para eles, que inclusive passaram a comentar detalhes da execução e da harmonia, que antes jamais imaginariam perceber.”

Manuel desligou-se do Sesc no final de 2019, por motivos pessoais. Mas deixou como legado o repertório da Bamasa. Bacharel em Regência pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), continua escrevendo partituras e arranjos para outras bandas do país.

Formando e renovando sempre

Estima-se que mais de 1.000 alunos tenham participado do projeto até agora. Em 2019, eram 60 alunos na banda, com faixa etária de 12 a 40 anos (a maioria entre 14 e 20 anos), além de 15 pessoas, aproximadamente, na linha de frente. Além dos ótimos arranjos e da interpretação dos músicos, o desfile da banda do Sesc trazia à frente um bem treinado corpo coreográfico, que trabalha com coreografia sincronizada, bandeiras, balizas, bambolê, bolas, fitas e outros elementos. Com duas aulas semanais, inclusive de dança e de ginástica rítmica, a banda se mostrava especial assim que iniciava sua performance.

Em 2018, foi iniciado um trabalho de câmara, reunindo pequenos grupos de músicos, como um quarteto de trompas e um quinteto de eufônios, entre outras formações, inclusive um quinteto de metais formado pelos alunos de destaque em cada naipe: trompetista, trombonista, trompista etc. Nos eventos que não exigiam a banda completa, esse grupo menor representava o trabalho musical desenvolvido no Sesc.

Foi criada também a Orquestra de Flautas, só para as crianças, que começavam desde a 3ª série estudando o instrumento e, quando chegavam na 5ª série, já sabendo ler música, iam participar da banda. “No início do projeto, o aluno saía da escola quando chegava à 9ª série, porque não tinha Ensino Médio no Sesc, então todo ano precisávamos fazer várias trocas de músicos.

Assim, tivemos a ideia de fazer a Orquestra de Flautas, justamente para servir como uma categoria de base para a banda mais tarde”, explica Manuel.

“A banda se renova todo ano, mas a gente precisa manter os âncoras”, explica Aldenir, por isso mantemos um corpo fixo maior. A cada 60 músicos, a renovação por ano tem sido de 10 a 15 pessoas.

Como resultado de uma formação continuada, muitos ex-integrantes da Bamasa são hoje atuantes no cenário musical, seguindo carreira em orquestras, grupos de jazz, conjuntos de música popular ou cursando faculdade de música. É o caso de ex-alunos aprovados no concurso para músicos do Comando Militar da Amazônia, na Orquestra Experimental do Amazonas, na Aeronáutica e no curso de música da UEA, além dos que assumiram projetos de música em outras escolas públicas, como instrutores ou monitores.

“Nos meses de junho a agosto, fazíamos um intensivão de aulas teóricas, para os alunos que iam participar do vestibular de Música”, conta Manuel. “Como eu tinha vindo de lá e conhecia o tipo de prova, preparava os alunos com uma etapa teórica e depois uma prática, para poderem chegar ao vestibular, que não é fácil. De 300 pessoas que participam, apenas 20 são aprovadas.”

Os desafios atuais e as novas perspectivas na retomada

O Amazonas foi um dos estados brasileiros que mais sofreu com a pandemia em 2020. “Isso causou parada abrupta e ficamos sem conseguir atuar”, lembra Aldenir. “Em 2021, conseguimos retornar inicialmente de modo virtual, mas com dificuldade, porque os alunos, quase todos, estão em condição de baixa renda, a maioria não tem instrumento em casa e não podíamos naquele momento disponibilizar o instrumento para cada um. Conseguimos retomar os projetos desde agosto, gradualmente, com menos alunos por enquanto, tomando todos os cuidados necessários, sem compartilhamento e higienizando os instrumentos, muitas aulas virtuais, aulas presenciais somente aos sábados, enfim, uma série de medidas para conseguirmos manter o projeto funcionando.”

“Provavelmente em 2022 voltaremos”, espera Izis. “Vamos receber novos instrumentos, uma orquestra sinfônica pronta, com o apoio do Departamento Nacional do Sesc. Assim, nosso projeto será ampliado para outra formação, embora mantendo também a formação marcial. Se conseguirmos implantar a formação sinfônica, será a segunda orquestra no estado com essas características.”



Enquanto torcem pela retomada, todos os integrantes e profissionais envolvidos com a Bamasa guardam recordações especiais dos últimos concursos que participaram. Os resultados do Campeonato Amazonense de Bandas e Fanfarras, realizado em novembro de 2018 na quadra poliesportiva do Sesi – Clube do Trabalhador, foram uma verdadeira homenagem ao legado da Banda Marcial do Sesc, como uma instituição que mantém viva essa prática musical muito popular na região.

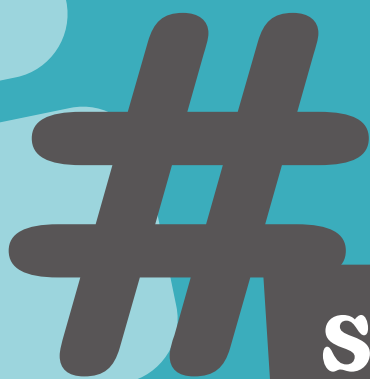
“Eram 17 corporações musicais competindo nesse dia, e a nossa banda conquistou o prêmio de Banda Super Campeã, premiação que soma todas as notas de todos os quesitos com os participantes de todas as categorias, além do 1º lugar nas categorias de banda marcial sênior, melhor regente e corpo coreográfico”, diz Aldenir.

Dessa forma, o trabalho desenvolvido com adolescentes e jovens na banda do Sesc, nas suas participações em festivais e campeonatos, conquistou o reconhecimento de todas as confederações e associações de bandas e fanfarras da região Norte.

A federação estadual, Fambaf, confirma que a entrega feita pelo Sesc no decorrer desses anos de atividade da Bamasa tem sido bastante exitosa. “Todo o trabalho que fizemos nos últimos dez anos gerou benefícios para a sociedade amazonense”, conclui Aldenir.

Como exemplo de atuação na comunidade, Izis Andrade cita a colaboração do Sesc com o governo estadual no Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (Prosamim). Além da recomposição da fauna e da preservação das nascentes, o Prosamim constrói condomínios para tirar essas pessoas de áreas de risco e cria espaços de lazer. É aí que entram os projetos do Programa Cultura do Sesc. “A música é uma porta de entrada para entrarmos nessas comunidades. A banda sempre foi um ótimo chamariz. Fizemos várias apresentações lá, captando alunos. Além disso, formavam-se filas para o BiblioSesc e para o cinema, coisas que eles não tinham”, explica Izis.

Por meio da iniciação musical e da prática de conjunto para crianças e adolescentes ou até mesmo adultos, a Banda Marcial do Sesc tem por objetivo desenvolver a musicalidade, o espírito de coletividade, o companheirismo e a solidariedade, como forma de elevar a autoestima e, inclusive, melhorar o desempenho na escola, no trabalho ou em qualquer outra atividade. “Vamos conseguir retomar toda a força dos anos anteriores para que a música possa realmente contribuir com essa transformação social”, afirma Aldenir.



Sesc Maranhão

Sesc Musicar: realizando sonhos

Em localidades da cidade de São Luís, como o bairro Divineia e Vila Luizão, desde 2006, o Sesc Maranhão percebeu uma forte ligação entre duas atividades, que não costumam ser vistas como complementares: o Programa Mesa Brasil Sesc, uma rede nacional de bancos de alimentos contra a fome e o desperdício, e o Projeto Sesc Musicar, que busca prover o “alimento do espírito” por meio da formação musical das crianças e jovens. Associar os dois projetos, portanto, atende às duas necessidades básicas do ser humano.

No campo da estratégia, “fortalece as ações que o Sesc empreende, ao ampliar o processo de desenvolvimento humano, evitando, assim, a pulverização de uma mesma iniciativa e a ausência de um desdobramento que não acene com a possibilidade de crescimento e independência social, no sentido de permitir que esse contingente vislumbre a oportunidade de aprender um ofício e profissionalizar-se nele nas variadas formas que o aprendizado da música permite”, afirma o Sesc-MA no parecer elaborado em 2006 sobre a pertinência dessa proposta, buscando, assim, mobilizar dois polos que definem a integridade do indivíduo.



O parecer também diz: “Sabemos que a prioridade básica do ser humano é a alimentação, porém, uma vez implantada e mantida à comunidade, faz-se necessário que esse contingente seja assistido por um projeto que desenvolva habilidades e talentos que possam representar um meio de sobrevivência possibilitando, até mesmo, a superação de suas dificuldades materiais”.

O estudo cita trechos da peça *Noite de Reis*, de Shakespeare. “Se a música é alimento do amor, toque, dê-me excesso dela”, e do livro *Terra dos Homens*, de Saint-Exupéry. “Há em cada criança sem oportunidade um Mozart assassinado”, assim como poderia também citar versos de um rock dos Titãs “A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte” e tantas outras frases de escritores e filósofos sobre o tema.

Nesse cenário, o importante é constatar que a iniciativa tem produzido resultados significativos para o público-alvo.

Desafio gratificante

“É uma satisfação muito grande estar inserido no Sesc Musicar, podendo atender as pessoas e promover algo que, certamente, faz diferença na vida de todos. Não só dos alunos atendidos, mas também de suas famílias e de toda a comunidade”, afirma o maestro Jairo Moraes Pereira, que desde 2013 participa



do projeto. “Para nós, instrutores, equipe de Coordenação de Cultura e todos aqui do Sesc Maranhão, é muito gratificante sentir que nosso trabalho atinge as pessoas de forma benéfica”, diz ele.

Jairo encara a música como uma forma de atuar em benefício das pessoas. Desde que tinha 13 anos, começou a tocar na banda de uma igreja evangélica que desenvolvia um projeto social na cidade balneária de São José de Ribamar, região metropolitana de São Luís. Depois, continuou a estudar música, fazendo bacharelado com habilitação em trompa, mestrado em Arte e pós-graduação em Regência Orquestral. Procurou o Sesc logo que se formou, com um projeto de trabalhar com música para atender à juventude da cidade e poder fomentar não só a parte musical, mas também a capacitação social e a qualidade de vida.

Ele menciona vários jovens egressos do Musicar, vindos de famílias em situação de vulnerabilidade econômica e risco social, que hoje estudam Música na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e em outros estados, ou seguindo carreira como músicos profissionais, montando grupos, apresentando-se em eventos importantes e participando de grupos de cultura popular do Maranhão. Mesmo os que não seguem a carreira musical declaram que a música foi fundamental em sua trajetória e a vivência no projeto ampliou sua visão de mundo, como é o caso de alunos que estão se formando em Engenharia, Química, Biologia e outras profissões.

*O atendimento às
pessoas com música
gera mudanças nos
hábitos da família
como um todo.*

(Jairo Moraes)

Além disso, é muito frequente o testemunho dos pais, contando aos professores que o rendimento escolar do seu filho melhorou muito depois que começou a fazer aulas de música no Sesc, despertando a atenção de outras famílias, que decidem inscrever também seus filhos. O projeto incentiva o desenvolvimento artístico-musical, a autoconfiança, a motivação para a aprendizagem e o aprimoramento técnico no exercício diário com o instrumento.

O Sesc buscou um dos atalhos mais promissores ao escolher a música como ferramenta de capacitação das crianças e jovens, visto que a musicalidade da população pressupõe resultado rápido, no que se refere ao seu desenvolvimento e à pronta utilização dentro das necessidades da própria comunidade.

“O atendimento às pessoas com música gera mudanças nos hábitos da família como um todo”, comenta Jairo Moraes. “Vários pais comentavam conosco que ouviam seus filhos tirando os primeiros sons de um instrumento, ao estudar em casa os exercícios que os professores passavam. Eles entendiam que o filho estava ali fazendo algo capaz de mudar seus horizontes e, nas apresentações, a gente percebe que se emocionam com a música. Ficam maravilhados vendo o progresso dos filhos, que começaram fazendo mais ruído que música e, de repente, já estão produzindo um som agradável, tocando um repertório bonito. Esses depoimentos fortalecem o nosso papel de atender pessoas, levando bem-estar e melhor qualidade de vida para as famílias”, frisa o maestro. Para ele, a música tem o poder de agregar valores e promover integração entre pessoas, alunos, instrutores e famílias.

O Projeto Musicar vai mais longe, aliando os cursos a outras ações como o Sonora Brasil, as Mostras de Música e o Banco Digital de Partituras. Mais do que o diletantismo e a fruição da música, torna-se concreta uma “ação educativa que desenvolva efetivamente, além da sensibilidade, a missão de formar novos músicos”. Dessa forma, crianças e jovens que estiverem sendo capacitados pelo Projeto Musicar podem tornar-se, inclusive, os futuros artistas daquela programação cultural ou futuros professores dos cursos de música do Sesc.

Entusiasmo, pausa e superação

Uma experiência enriquecedora na história do projeto Musicar foi a presença no 10º Festival Internacional Sesc de Música, realizado em Pelotas, em janeiro de 2020. Com o maestro Jairo Moraes, foram os alunos Alice Maria (clarinete), Júlio César (trombone), Diego Cardoso (trompete), Railson Serejo (bombardino), Diogo Amorim (saxofone) e o técnico de música do Sesc-MA, Carlos Eduardo. Além de assistir dezenas de espetáculos e fazer cursos e workshops com músicos de 14 países, os jovens maranhenses participaram de ensaios e apresentações da recém-formada Orquestra Jovem Sesc Brasil, da Orquestra de Choro e da Banda Sinfônica Acadêmica.



Para Júlio César, em entrevista durante o festival, a experiência com novas pessoas e com os melhores professores nacionais e internacionais foi maravilhosa. “Sou muito grato por essa oportunidade que o Sesc me proporcionou. Há quatro anos aprendi a tocar trombone no Sesc Musicar e hoje participar desse festival é um sonho realizado.” Já para o trompetista Diego Cardoso, estar no Festival Internacional Sesc de Música foi uma chance valiosa para aperfeiçoar os estudos e a performance. O regente Jairo Moraes comenta que, até hoje, os alunos que estiveram lá comentam a experiência com seus colegas, demonstrando entusiasmo. “Tomara que um dia possamos levar toda a nossa orquestra a um festival desses ou fazer algo aqui, reunindo pessoas de outros lugares”, diz ele. “Os alunos voltaram com a autoestima lá em cima querendo fazer e acontecer, transmitindo a experiência para outros alunos e contagiaram todo mundo. Todo mundo ficou com aquele anseio de um dia poder participar e isso é muito bom. Incentiva bastante.”

Depois do festival, veio um ano difícil. Tudo parou por algum tempo, por causa da pandemia. Jairo interpreta esse momento como uma pausa, que na música serve para respirar. “Foi um tempo de reflexão, de respiração, de retomada, de muitos pensamentos, de muitas ideias, até mesmo de muitos conflitos”, recorda. “Muita gente ficou debilitada e tentávamos fazer algumas

coisas no formato virtual, para manter a ligação com os alunos via redes sociais, mas tudo aquilo afetou a vida dos alunos e dos instrutores também. Passamos por momentos bem complicados, porque tínhamos o hábito de nos encontrar sempre, fazendo aulas, apresentações e, de repente, foi preciso parar tudo.”

Segundo o maestro, logo que possível, a retomada começou, com alguns eventos pontuais, fazendo vídeos e mosaicos, e isso trouxe à equipe uma perspectiva de que tudo iria passar. Quando finalmente aconteceu a volta ao formato presencial, em poucos meses surgiram bons resultados, com o que havia de melhor no momento.

“A pandemia veio para nos mostrar que nós poderíamos superar os desafios. Superação é uma palavra que resume bem esse período de 2020/2021, tanto para os alunos quanto para nós, instrutores, e para todo o Sesc, que tem o propósito de promover o bem-estar das pessoas”, conclui.

A stylized background graphic featuring a light beige cloud-like shape on the left and a light beige tree branch with two rounded tips extending from the bottom right towards the center. The entire graphic is set against a solid dark beige background.

#

**Sesc Mato Grosso
do Sul**

O fazer musical que amplia horizontes

Quando foi inaugurada, em setembro de 2010, a unidade Sesc Lageado tinha um foco na precariedade econômica da maioria dos moradores daquela região, uma das mais vulneráveis de Campo Grande. A ênfase inicial foi para os cursos de culinária e corte e costura, com o objetivo de gerar renda para as famílias daquela comunidade. Mas a adesão não correspondeu à expectativa. Então, a vocação da unidade foi ampliada para atividades relacionadas à formação cultural, principalmente de iniciação artística, a partir de 2014.



O professor Wladimir Benedito de Carvalho já dava aulas de violão no Sesc desde 2003, e foi admitido em 2011, passando a integrar a equipe da unidade Sesc Lageado. Logo que chegou, começou a atender 150 alunos, enquanto a mudança de vocação se concretizava. A procura foi aumentando, chegaram outros professores e abriram-se novas frentes no trabalho de musicalização das crianças e jovens. Wladimir fez uma capacitação para dar aulas de cordas friccionadas com outro professor, passando a oferecer também aulas de violino, viola, violoncelo e contrabaixo, em 2016. Isso foi o início da Camerata, que já em 2017 fazia suas primeiras apresentações.

Em 2019, depois de cinco anos de ações culturais, 338 alunos eram atendidos gratuitamente em diversas linguagens culturais, da dança e da música. “Como benefício, destacamos, o desenvolvimento social não só das

crianças, mas também das famílias”, afirmou na ocasião a diretora regional do Sesc-MS, Regina Ferro. “O empoderamento social e o fortalecimento cognitivo do aprendizado musical e da dança são nitidamente notados no comportamento dos alunos.”

O gosto pela música

“A experiência que essa atividade propicia, além do curso em si, como as amizades que se formam, o relacionamento, a disciplina no estudo e nos ensaios, tudo isso mexe realmente com o comportamento das pessoas”, observa o maestro Wladimir. “A música é uma disciplina que agrega ao desenvolvimento humano, tanto quanto o português, a matemática etc. Porque desenvolve pensamentos e áreas dentro do ser humano, como a lógica e as ciências humanas. Quando o aluno se depara com o instrumento, ele tem que trabalhar a postura, alongamento, precisa ter não só uma preparação técnica, mas física também. Tem que estar com os músculos relaxados, tem que estar alongado, então o fazer musical trabalha vários aspectos importantes para a nossa vida.”

O empoderamento social e o fortalecimento cognitivo do aprendizado musical e da dança são nitidamente notados no comportamento dos alunos.

(Regina Ferro, diretora regional do Sesc-MS)

Com essa visão, os educadores musicais consideram que a música deveria ser uma disciplina regular nas escolas em geral, e não transversal, como parte da disciplina de Artes. “Os alunos ficariam muito mais atentos e teriam mais discernimento para aprender outras disciplinas. Ajudaria também na inteligência emocional e na relação interpessoal”, afirma Wladimir Carvalho. Para ele, o contato, a socialização, a experimentação da música no trabalho e nas apresentações em lugares como o teatro, em que existe certa magia, são vivências que trazem para o aluno uma expectativa imensa.

Muitos deles chegam com a autoestima baixa, pela situação em que vivem, e encontram no fazer musical valores e atitudes que acabam levando também para dentro de casa. Então, o trabalho musical eleva a autoestima desse aluno, cada lição aprendida aumenta a confiança na capacidade de superação. Porém o maestro percebeu que eles ficavam constrangidos quando era falado nas apresentações: “nós temos alunos de uma região carente”, e mudou essa abordagem. Mas não há dúvida de que a orquestra e os cursos do Sesc aumentaram bastante as perspectivas e as expectativas de vida desses alunos, como observa Wladimir.



Perspectiva de vida

Assim como acontece nos projetos de orquestras jovens do Sesc em outros estados, nem todos os alunos vão seguir uma carreira musical. O propósito do trabalho é dar uma nova perspectiva de vida, inclusive para os que seguem outras profissões. Mesmo assim, vários jovens que iniciaram sua formação musical no Sesc Lageado decidem fazer vestibular para o curso de Música na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. No entanto, os responsáveis pelo projeto perceberam que muitos não conseguem seguir esse rumo porque precisam de um emprego imediato, por isso foi feito um projeto de bolsa-monitoria, para esses alunos ficarem um pouco mais de tempo estudando música. “Assim, o aluno que tem essa vocação poderá ficar mais e tentar uma faculdade”, explica Wladimir.

Porém em 2020, com a pandemia, não foi possível manter o curso de orquestra, por ser uma prática em conjunto, e muitos alunos desistiram dos cursos de instrumentos porque precisavam ajudar em casa, pois a renda, que já era pequena, ficou menor ainda.

Depois desse período difícil, a Camerata chegou ao final de 2021 com apenas cinco integrantes, e para uma orquestra ser formada é necessário um número maior de músicos. Alguns cursos que alimentavam a orquestra deixaram de ser realizados e a possibilidade de crescimento dependeu principalmente de uma atividade de base chamada Orquestra Pedagógica, que visa iniciar o aluno no movimento orquestral, com minicursos que o capacitam a tocar um instrumento em poucos meses e se desenvolver nele.

Para ampliar esse projeto, além dos limites de Lageado, que é uma região afastada, o maestro Wladimir propõe a criação de uma Orquestra Jovem no Sesc Campo Grande. Essa orquestra teria sua sede no centro da cidade, abrindo editais de convocação e convidando os músicos de outros projetos que trabalhem com cordas, sopros e percussões, para também participarem. “Assim, o Sesc MS abre a experiência de Lageado para toda a comunidade campo-grandense. E nesse projeto poderemos trazer maestros e professores para dar aulas em oficinas com uma extensa programação”, diz ele.



Riqueza cultural

A obra dos compositores clássicos é trabalhada com os alunos de Lageado, em conjunto com as manifestações regionais, levando-se em conta o público que vai assistir às apresentações. “Temos uma riqueza cultural imensa e trabalhamos a regionalidade”, explica Wladimir, citando o cururu, o siriri, a catira, o chamamé (que veio da fronteira com o Paraguai), o samba e o sertanejo. “São expressões musicais que às vezes ficam em segundo plano, e como professores nós temos que pensar nesse resgate e manter viva a cultura musical da região.” Natural de Campo Grande (MS), Wladimir Benedito de Carvalho é formado pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), com graduação e licenciatura em Música, tem pós-graduação em Gestão Cultural pelo Senac-SP, além de minicursos de regência (oficinas na Federação de Bandas e Fanfarras de SP e na Federação de Bandas e Fanfarras de MS). Conhecido pelo nome artístico de Maestro Bibi Carvalho, atua como produtor, arranjador e músico, realizando um vasto trabalho com artistas sul-mato-grossenses.

São frequentes os convites para apresentações dos jovens músicos de Lageado em escolas, na Semana de Cultura da UFMS, no Teatro Glauce Rocha e em cidades próximas, além da participação em eventos das diversas unidades do Sesc em Campo Grande.

Nos últimos meses de 2021, esses eventos voltaram a acontecer, destacando-se o convite para participação no último dia do 14º Encontro de Música Clássica, em 27 de outubro, com a Orquestra Sinfônica de Campo Grande no Teatro Glauce Rocha. Os alunos tiveram uma experiência inesquecível, tocando ao lado de músicos profissionais e sendo regidos pelo consagrado maestro Eduardo Martinelli.

Um acontecimento muito especial na trajetória do projeto desenvolvido em Lageado foi a presença de um grupo da Camerata no 10º Festival Internacional Sesc de Música, em Pelotas. O maestro Wladimir Carvalho esteve na edição de 2019 do festival e voltou em janeiro do ano seguinte, levando quatro alunos com idades entre 14 e 15 anos: Rafael Gonçalves (violino), Felipe Evangelista (violino), Hendrick Rodrigues (violino) e Jhemerson Alonso (percussão), além do professor Francisco Simão. Eles participaram das audições, workshops e aulas, com músicos e professores

vindos de 14 países, conheceram centenas de colegas de orquestras do Sesc em outros estados, se apresentaram em diversos pontos da cidade de Pelotas e participaram da primeira formação da Orquestra Jovem Sesc Brasil, que começava a ser formada, reunindo também jovens do Maranhão, Minas Gerais, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. Depois de alguns dias de ensaio, a nova orquestra fez uma histórica apresentação para um público estimado em mais de mil pessoas.

“Essa experiência está abrindo os horizontes deles”, afirmou o professor Chico Simão, durante o encontro em que os jovens alunos do Sesc de vários estados tiveram acesso a 60 espetáculos musicais e 24 cursos, vendo e ouvindo de perto as possibilidades que são abertas pela dedicação ao estudo da música.



Sesc Minas Gerais

O poder transformador da música



Ao ser convidado, em 2011, para a criação de um grupo orquestral no Sesc Minas Gerais, o maestro Eliseu Barros percebeu que, por tratar-se de um projeto de grande envergadura, teria diante de si um grande desafio. “Eu tinha experiência de trabalhar com projetos, mas a demanda de atender um grande número de alunos gerou certa expectativa em todos nós. Começamos fazendo divulgação em escolas públicas, captando alunos por meio do PCG, o Programa de Comprometimento e Gratuidade, para famílias de baixa renda. Fomos atrás desse público, tivemos mais de 750 inscritos e fizemos uma espécie de teste vocacional, pois inicialmente ninguém precisava saber tocar”, conta o maestro. Foram, então, selecionados 130 alunos, com faixa etária entre 10 e 19 anos, provenientes da rede pública de ensino de Belo Horizonte e Região Metropolitana.

A proposta pedagógica apresentada por ele ia além da formação musical. “Sempre acreditei no poder de transformação da música. Quería-

mos despertar nos alunos a importância de se conviver em grupo, independentemente da posição social de cada um, ajudando na sua formação como cidadãos.”

Foi um período de experimentação que desde os primeiros dias exigiu muito empenho de todos, professores e alunos. “Em apenas dois meses

conseguimos fazer uma apresentação em torno de 20 minutos, com oito músicas, e foi uma sensação maravilhosa”, lembra Eliseu. A partir de então, o projeto não parou de crescer.

Para Zenólia Caires Meta, que também começava naquele ano sua trajetória no Sesc, a primeira apresentação, ainda em novembro de 2011, foi um momento inesquecível. “Me lembro até hoje de um menino pequeno que ficava brincando de carrinho dentro do auditório enquanto o irmão tocava no palco. O público era formado principalmente pelos familiares dos alunos e era a primeira vez que viam uma orquestra se apresentando”, recorda ela. Nos dias seguintes, os professores conversaram com os alunos, perguntando, inclusive, o que tinham achado da presença das famílias: “Nossa! Eles conversavam muito, estavam muito eufóricos!”, comentaram os jovens, que, em pouco tempo no projeto, já haviam desenvolvido a percepção de como se faz e como se assiste a um espetáculo de música.

Formada e pós-graduada em Gestão Cultural, atualmente coordenadora de Serviços Sociais do Sesc-MG, Zenólia comenta que os pais dos alunos valorizam muito as aulas de música e a participação dos filhos na orquestra.

A música tem esse poder mágico de concentração, de dar foco aos alunos e que serve para a vida toda.

(Eliseu Barros)

Muitos deles lamentam não ter tido uma oportunidade como essa em sua juventude. Até hoje, sempre que veem os concertos, a reação deles é de euforia, o que mostra um grande apreço de todos pelo projeto. Na plateia, gritam o nome dos meninos, que às vezes ficam constrangidos com isso, mas sabem que é uma forma de seus pais expressarem todo o orgulho e a alegria de vê-los no palco se apresentando para o público.

Para o maestro Eliseu – bacharel em Música com especialização em violino, graduação em Neurociência e Psicanálise aplicada à Educação, além de mestre em Gestão Social –, as apresentações dos alunos têm sempre uma carga emocional e sentimental. “Eles convivem com uma situação de muita exclusão social em sua trajetória de vida. São meninos que, provavelmente,

se não fosse pelo Sesc, dificilmente teriam entrado num teatro, como o Sesc Palladium ou qualquer outro aqui em Belo Horizonte, e não teriam viajado para se apresentarem em outros estados. Isso gera muita emoção e eleva a autoestima. Ao se verem tocando em um teatro, com o público assistindo e aplaudindo, sentem que são capazes de alçar voos maiores.”

Desafios superados

Hoje, a orquestra é uma realidade que já transformou a vida de vários jovens que passaram por ela. “Para mim, é um prazer ser o regente desses meninos e meninas. Acredito tanto nesse projeto que decidi abrir mão de várias coisas de minha vida para poder me dedicar com mais afinco. Vi aqui jovens que não tinham nenhuma perspectiva e hoje participam de orquestras profissionais ou estão cursando música em instituições de ensino superior. É muito gratificante”, afirma o maestro.

Este é o caso de três ex-alunos, Clarissa Carvalho, João Vitor Romano e Nikolly Ramos, selecionados pela Academia Orquestra Ouro Preto. Esse projeto busca aperfeiçoar o talento de jovens músicos, entre 18 e 28 anos, que tenham em comum a paixão pela música e enxerguem nela um futuro profissional. “Durante um ano eles vão receber uma bolsa mensal para poderem se dedicar. É uma chance de ouro! Eles estão com os dois pés no mundo profissional, praticamente”, diz Eliseu.



Um marco importante na trajetória do projeto foi o primeiro convite para participar do Festival do Sesc em Pelotas, em 2017, com maestros internacionais e a convivência com outros músicos de várias partes do Brasil e da América do Sul. Foram selecionados 15 alunos, formando uma pequena orquestra, muitos deles viajando pela primeira vez para fora do estado de Minas Gerais. Pela primeira vez, aquele festival contava com a presença de um grupo daquele tipo. A diretoria do Sesc Nacional e a direção artística do festival estavam assistindo ao primeiro concerto programado para os jovens de Minas Gerais, o que gerou muita expectativa nos alunos. A performance agradou tanto que eles foram convidados para fazer vários concertos completando a programação do festival em outros locais da cidade. Isso foi um impulso para a decisão de levar orquestras jovens, de outros projetos regionais do Sesc, nos anos seguintes.

No festival de 2019, os organizadores decidiram reunir as orquestras jovens dos diversos Departamentos Regionais do Sesc. Até então, cada grupo participava separadamente, fazendo suas apresentações e conhecendo o pessoal dos outros projetos. Em janeiro de 2020, essa ideia se concretizou. O repertório que seria tocado foi informado com antecedência e cada Regional ensaiou previamente seus alunos. Foi um sucesso. No final de 2021, diante da impossibilidade de um festival presencial em janeiro de 2022, foi produzido um vídeo com gravações de orquestras jovens de vários estados.

Em 2020, porém, a partir de março, todos tiveram que enfrentar o desafio da pandemia. “No início, foi um choque”, recorda o maestro, “porque nunca havíamos passado por uma situação como essa, de ninguém poder ir para as aulas, muito menos para apresentações, então por algumas semanas ficamos um pouco atônitos, sem saber o que fazer, mas logo começamos a fazer as aulas remotamente, mudamos o formato das atividades, com novos tipos de abordagem pedagógica, e os meninos não demoraram muito a se adaptar. Aliás, eles se adaptam mais rápido que a gente! E entre os professores nos dedicamos à ideia de fazer vídeos, aprendemos a lidar com as técnicas de gravação e edição, rapidamente nos adaptamos ao novo momento. Tivemos que interromper as atividades presenciais na metade de março, mas já no início de maio estávamos lançando nosso primeiro vídeo. Agora, com a retomada das atividades presenciais, a gente vê a alegria dos alunos em retornarem, mas depois de um tempo trabalhando remotamente precisamos recuperar o tempo de dedicação que havia antes”.

Formação e sensibilização

A Orquestra de Câmara Sesc, no Sesc-MG, é um projeto de ação continuada de formação e sensibilização musical de caráter social, cultural e artístico. O acesso à música é um caminho para a inclusão e a transformação social. O objetivo não é preparar os alunos para uma carreira musical, mas, ao fazer com que eles aprendam o suficiente para participar de concertos, muitos decidam prosseguir nessa trajetória, como músicos profissionais, inclusive ingressando em cursos superiores de Música.

Participando de uma atividade bastante prazerosa e que, ao mesmo tempo, requer muito estudo, disciplina e dedicação, o aluno se sente confiante para se desenvolver na carreira de sua preferência.



“A música tem esse poder mágico de concentração, de dar foco aos alunos e que serve para a vida toda”, destaca Eliseu Barros. “Tivemos alunos que fizeram vestibular para continuar estudando seu instrumento, enquanto outros escolheram Educação Musical ou Musicoterapia. E quem não segue carreira nesta área, acaba se beneficiando também com preparo psicológico e orientação para enfrentar a vida em qualquer outra profissão.”

Atento ao desenvolvimento dos alunos que completam o ciclo formativo do projeto, o Sesc-MG firmou parceria com o Rede de Carreiras do Senac, um portal para cadastro gratuito de vagas e currículos, que amplia o acesso do público às oportunidades de emprego. O objetivo da parceria é apresentar a esses alunos as possibilidades de capacitação ofertadas nos cursos do Senac, possibilitando uma escolha de formação profissional com foco no mercado de trabalho.

“Centenas de alunos já passaram pelo projeto da orquestra e alguns seguiram carreira musical, outros não”, observa Zenólia Caires Meta, lembrando o caso de um aluno que cursou os quatro anos e hoje é jogador de futebol, em outro país.

“Claro que ficamos muito felizes quando alguns se formam como músicos, mas o que mais queremos é possibilitar a eles que visualizem as oportunidades e sigam sua própria escolha profissional”, diz ela. “O importante é o que nós conseguimos construir nesses dez anos. Hoje o projeto está consolidado, é reconhecido fora da instituição, como uma referência por sua organização curricular, por sua gestão e pelas apresentações. A sociedade percebe o resultado em termos de transformação social e sabe que a orquestra vai ao encontro da missão do Sesc. Todos nós sabemos o quanto é importante esse projeto na vida dos alunos e das suas famílias. E é muito gratificante saber que, além das famílias, o nosso trabalho gera benefícios para toda a comunidade”, conclui.



Sesc Pará



Música para todos os públicos

Janeiro de 2020. Desembarcam no sul do país os 72 componentes da Orquestra Jovem Sesc Pará para a primeira apresentação do grupo fora do seu estado natal. Eles teriam o desafio de dar início à 10ª edição do Festival Internacional Sesc de Música, em Pelotas, no histórico Theatro Guarany, com a execução da abertura da ópera *O Guarani*, coincidindo com os 150 anos dessa obra de Carlos Gomes e os 99 anos daquele teatro.

A acústica da sala de ensaios preocupou o maestro e os músicos, que tiveram dificuldade de escutar todos os instrumentos. Não seria fácil evitar um certo nervosismo à noite, todos em seus lugares no palco durante as falas iniciais dos organizadores do festival, dos diretores do Sesc e das principais autoridades presentes, diante do auditório superlotado, com 1.400 pessoas. Mas quando o maestro Rodrigo Moraes começou a reger, a qualidade musical encantou todos os presentes. “Conseguimos fazer uma execução primorosa, foi muito emocionante”, diz o maestro, lembrando que aquela orquestra havia sido formada há poucos meses.

Rodrigo havia começado a trabalhar no Sesc em abril do ano anterior. Tinha feito prova para uma vaga de assistente técnico de Música e foi o nome escolhido entre muitos outros candidatos, mas seu currículo, indicando sua formação como bacharel em Regência, fez com que o desafio aumentasse.

O presidente do Sesc Pará vinha planejando formar uma orquestra e havia providenciado inclusive a compra dos instrumentos, então falou: “Já temos instrumentos, agora temos um maestro, então vamos fazer!”.

Imediatamente começou a ser divulgado que seria formada a Orquestra Jovem Sesc Pará e mais de 100 pessoas se inscreveram. Naquele primeiro momento, foram selecionados músicos já com algum conhecimento musical e sabendo tocar um instrumento, para que fossem preparados mais rapidamente na prática de orquestra. “Muitos jovens formados em música não conseguem uma orquestra para exercer a função, então ficam sem oportunidade de estudar o repertório orquestral e fazer prática de orquestra, porque o mercado de trabalho nessa área é muito reduzido”, explica Rodrigo. Conhecendo essa realidade, ele propôs que a orquestra do Sesc, inicialmente, desse uma oportunidade a esses músicos. E depois das audições para escolha dos candidatos, ao ver a capacidade do time inicial de músicos, decidiu colocar um repertório singular, com peças importantes em suas partituras originais.



Assim, formou-se uma orquestra com 75 pessoas, o máximo que o espaço permitia, e o primeiro concerto aconteceu em junho de 2019, no Theatro da Paz. Com apenas dois meses de ensaios, foi lançada oficialmente a Orquestra Jovem Sesc Pará, em uma noite memorável. Os ingressos se esgotaram em uma hora e o teatro ficou lotado. Antes mesmo dessa data, enquanto a orquestra ensaiava seu repertório, composto por música erudita e popular, foram feitas duas apresentações, na Administração Regional do Sesc em Belém e no Sesc Ver-O-Peso.

Trajетória consistente e rápida

Os primeiros concertos fizeram sucesso e todos ficaram surpresos com a performance da orquestra em tão pouco tempo. Vídeos das apresentações foram divulgados nas redes sociais e começaram a chegar convites do Brasil e do exterior.

Depois do Festival Internacional Sesc de Música, em Pelotas (janeiro de 2020), em junho do mesmo ano, a OJSPA fez a abertura do Festival Internacional Eleazar de Carvalho, que dessa vez foi virtual por causa da pandemia. Ainda em 2020, houveram convites também para apresentações no Canadá e na França, que foram suspensas por causa da pandemia. Já em novembro de 2021, a orquestra foi convidada para tocar no Peru, mas infelizmente não existiam recursos financeiros para os músicos viajarem representando o Brasil.

Ao mesmo tempo em que a orquestra se consolidava com o lastro de músicos formados, foi desenvolvido um trabalho mais social, dentro do Programa de Comprometimento e Gratuidade. “A participação de jovens de comunidades, em nossa orquestra, é uma oportunidade que todos nós temos de evoluir na música”, observa Rodrigo.

Embora a orquestra tenha pouco tempo de atividade, já existem casos de ex-alunos que seguiram na profissão como músicos ou em outras funções ligadas à música. Recentemente, quatro alunos foram aprovados em um concurso para tocar profissionalmente na Orquestra Sinfônica do Theatro da Paz. Além disso, uma aluna do nosso projeto foi selecionada para uma orquestra profissional em Minas Gerais. “Como fazemos aqui um bom estudo de repertório, eles estavam preparados e conseguiram passar”, comenta Rodrigo Moraes.

A participação de jovens de comunidades, em nossa orquestra, é uma oportunidade que todos nós temos de evoluir na música.

(Rodrigo Moraes)

Pioneirismo

Depois de um período inicial tão movimentado, foi muito difícil quando tudo ficou fechado com a pandemia. Surgiu, então, a ideia de fazer um concerto on-line. O maestro ensaiou com os músicos um arranjo da *Aquarela do Brasil*, de Ary Barroso, cada um na sua casa gravando no celular e mandando os arquivos, que foram editados em uma produtora de São Paulo, e o vídeo foi lançado em junho de 2020. Foi o primeiro concerto

digital feito no Pará, nesse formato, e a primeira edição, desse tipo, no Sesc em todo o Brasil. Com isso, a orquestra foi convidada para fazer a abertura do Festival Internacional Eleazar de Carvalho em modo virtual, tocando *Aquarela do Brasil* e mais algumas músicas no Theatro da Paz, em Belém.

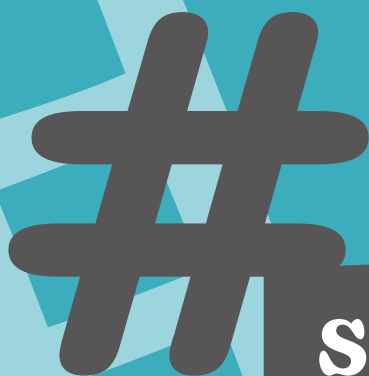
Os ensaios on-line continuaram sendo feitos, outros vídeos foram produzidos, e no final de outubro de 2021, tomando as medidas preventivas recomendadas, foi possível realizar presencialmente o Festival Internacional de Música do Pará (33º FIMUPA), promovido pelo Governo do Pará, por meio da Fundação Carlos Gomes (FCG).

Na programação, entre dezoito concertos com músicos do Brasil e de vários países, estava presente a Orquestra Jovem Sesc Pará, cujos músicos participaram também da Orquestra do Festival, sob a batuta do consagrado maestro paulista Roberto Tibiriçá, que regeu inúmeras orquestras no Brasil e exterior, como convidado.

Preparando-se para a retomada do ritmo de atividades em 2022, com sua atual formação de 60 músicos, o maestro Rodrigo dedica-se à preparação de um novo concerto que inclui a *5ª Sinfonia* de Beethoven, a *40ª Sinfonia* de Mozart, a Abertura da *Flauta Mágica*, de Mozart, e a composição orquestral *Danzón N° 2* do compositor mexicano contemporâneo Arturo Márquez, uma peça marcante no repertório da orquestra, entre outras obras.



A particularidade do repertório chega ao público de forma envolvente, com a abordagem didática de Rodrigo Moraes, que, além de regente, é pós-graduado em Educação Musical. Um bom exemplo ocorreu na primeira noite do 10º Festival Internacional Sesc de Música, em Pelotas, logo após a execução de *O Guarani*, quando a orquestra apresentou a *Abertura 1812*, famosa composição de Tchaikovsky que retrata musicalmente a invasão da Rússia pelas tropas de Napoleão no ano de 1812. O maestro mostrava a história contida em cada trecho da música: a chegada da França ao som da *Marseillaise*, a intensificação do conflito, o troar dos canhões e, no final, o triunfo russo, retratado pelo hino czarista. “No final, muita gente veio nos cumprimentar, secretário, prefeito, todos demonstrando gratidão e afirmando que nunca haviam escutado aquela obra contada dessa maneira”, lembra ele, agora com a expectativa de novas temporadas de concertos em todos os espaços possíveis.



Sesc Paraíba

Um grande estímulo para a vida

Quando teve início a formação da orquestra do Sesc Paraíba, no dia 2 de setembro de 2019, o projeto-piloto era uma banda para desfilar cinco dias depois, nas comemorações da Independência do Brasil. Estavam ainda começando as inscrições para os cursos de música na Escola Sesc Dom Ulrico, com apenas dez alunos naquele momento, poucos deles com alguma experiência em percussão e os demais sem nenhum preparo para o desfile. Foi preciso trabalhar muito rápido, não só treinando os alunos em tempo recorde como também preenchendo a banda, com uma boa quantidade de convidados experientes.

O regente, Geilson Vieira dos Santos, além da formação acadêmica como bacharel em música pela UFPB, havia tocado clarinete durante vários anos na banda do Exército, então não teve dúvida. Convidou antigos colegas de banda, que trouxeram outros, e a recém-formada Banda do Sesc Paraíba fez bonito no desfile do 7 de setembro, com 54 integrantes, sendo 44 convidados e dez alunos.



A empolgação da estreia incentivou muitos outros alunos da Escola Sesc Dom Ulrico a se inscreverem nas aulas de música e, desde então, a orquestra está presente na vida dos paraibanos, em diversas formações, seja como banda ou em grupos menores, com as apresentações natalinas e outras performances em espaços públicos da cidade ou participando de eventos internos no Sesc. A disponibilidade de músicos e instrumentos permite ao Sesc Paraíba formar cameratas, quartetos, quintetos, orquestra, banda de música, big band e fanfarra, ampliando as opções de apresentações.



Escola e orquestra: modelo de ensino e prática

Desde 2012, o Sistema Fecomércio/Sesc/Senac Paraíba firmou parceria com o Instituto Dom Ulrico, com o intuito de levar educação à sociedade, desde o ensino básico, com o Sesc, até a formação profissional, com o Senac. Assumindo a gestão da escola, o Sesc e o Senac dão continuidade na tradicional assistência que, há mais de 100 anos, vem se dedicando à população, especialmente às crianças.

Além da formação escolar, em todas as etapas do ensino básico (Infantil, Fundamental e Médio), cursos de inglês e pré-vestibular para toda a comunidade e um laboratório multidisciplinar, a Escola Sesc Dom Ulrico tem agora uma estrutura completa para o curso livre de ensino de Música, equipada com salas de aulas individuais e coletivas, cabines para ensaio e sala acústica para orquestra e estúdio.

Na área musical, a escola trabalha com os alunos desde a 1ª série do Ensino Infantil até a conclusão do Ensino Médio, com uma carga horária de duas horas por semana. A unidade dispõe de professores que atendem especificamente as duas primeiras séries, com atividades mais lúdicas de musicalização e algumas noções teóricas; e os que trabalham em cada uma das faixas mais adiantadas.

A escola também está aberta ao público externo, a partir dos 10 anos e sem idade-limite, oferecendo formação musical de três anos com certificação de conclusão. No início, as aulas de prática musical são individuais e, posteriormente, passam a ser também em grupo. O processo de formação e o ensaio desses grupos acontecem progressivamente em duo, quarteto e quinteto, até culminar na orquestra.

Paralelamente à Escola de Música, a instituição desenvolve também o projeto do Coral e Orquestra Sesc Senac Paraíba, composto por professores e alunos, com o objetivo de tornar-se referência em música popular e erudita. Atualmente, um grupo de professores e alguns alunos que já estão mais adiantados formam o núcleo inicial da orquestra e coral.

Ferramenta social

Todos estavam animados no final de 2019, depois do desfile de setembro e das dez apresentações da Cantata de Natal, mas a pandemia impediu a continuidade dos trabalhos. Atividades on-line em 2020 foram possíveis apenas para aulas de teoria.

Somente em abril de 2021, quando foi liberado o sistema híbrido, voltaram as aulas práticas. Já em maio, a Orquestra Sesc Senac Paraíba emocionou o público realizando uma live em homenagem ao Dia das Mães, transmitida ao vivo pelo canal do YouTube da instituição. Com uma formação de instrumentos de cordas, sopro e percussão, alunos e músicos convidados reuniram-se no Hotel Sesc Cabo Branco, respeitando todos os protocolos sanitários de prevenção à Covid-19, para interpretar um repertório especial para a data. Na retomada, o curso de música chega ao final de 2021 com mais de 130 alunos.

As apresentações natalinas, dessa vez com mais de cinquenta integrantes, estrearam dia 26 de novembro, no hall de entrada da sede da Fecomércio Paraíba, e seguiram com uma série de apresentações durante o mês de dezembro em shoppings, lojas e espaços abertos de João Pessoa. Acompanhados pela Orquestra Sesc Senac Paraíba, participaram da Cantata os corais formados por alunos da Escola Sesc Dom Ulrico e por idosos do Trabalho Social com Idosos (TSI) do Sesc Paraíba.





*A música é educativa,
amplia a sensibilidade
das pessoas, além de
ser uma ferramenta
social extremamente
importante.*

(Geilson dos Santos)

Além da emoção que a música leva aos artistas e ao público em geral, o que mais empolga os professores e gestores das atividades musicais no Sesc é a importância desse trabalho para a comunidade. “A música é educativa, amplia a sensibilidade das pessoas, além de ser uma ferramenta social extremamente importante”, comenta Geilson, destacando a interação provocada pelas atividades da escola, do coral e da orquestra. “Muitos dos

nossos alunos chegam aqui com dificuldades de se relacionar com os outros, mostram-se tímidos, introvertidos demais, e logo começam a interagir. Isso é libertador, porque fica para toda a vida”, lembra ele, citando o caso de uma aluna de 10 anos, muito tímida, que ficava no fundo da sala de aulas, não falava com ninguém e nada respondia.

“Ela chegou com a mãe, que pedia insistentemente por uma vaga para a filha que queria estudar violino, mas as vagas já estavam preenchidas. Então, falei que a menina podia escolher outro instrumento. Escolheu flauta, conseguimos a vaga, começou a estudar com muita timidez, o professor mostrava como tocar e ela não queria, ele insistia mostrando a posição correta de tocar, até que ela começou a soprar o instrumento. Em uma semana estava irreconhecível, de tão extrovertida tocando, foi algo mágico. Ela interagiu de uma forma esplêndida, extraordinária! Gostou da flauta, está começando a tocar bem, até a mãe se surpreendeu com a mudança no comportamento da filha. Com toda certeza, muitas histórias como essa ainda vão acontecer na vida dos nossos alunos”, conclui.

Segundo os professores, muitos pais comentam que os filhos ficavam todo o tempo ligados no celular ou no computador, mas começaram a se mostrar empolgados com a prática da música e isso trouxe mudanças até nas outras disciplinas, com melhora no rendimento escolar e mais concentração. Os professores sempre estimulam, orientam, encorajam os alunos para que

eles consigam atingir os objetivos. E os que ainda não têm seus próprios instrumentos costumam chegar à escola mais de uma hora antes do início do turno, para poderem praticar.

Com o estudo teórico e prático e os fundamentos técnicos do instrumento, relacionados à prática instrumental, interpretação musical e formação de repertório, o plano pedagógico da escola de música contém alguns objetivos que mostram a importância dessa atividade: “trabalhar a convivência, a noção de equipe e a responsabilidade dentro de um grupo”, “estimular os estudantes a buscarem por capacitação profissional por meio de cursos técnicos e/ou superior em Música” e “formar cidadãos comprometidos, responsáveis e conscientes da importância da arte, música e cultura para a sociedade”.



#

Sesc Pernambuco

Novas portas e descobertas

Francisco Flávio Daniel da Silva quando chegou ao Sesc, recém-admitido, para trabalhar com educação musical, recebeu, da gerência regional, a orientação de conhecer o ambiente de trabalho e planejar o trabalho a ser feito, pois ainda não havia uma programação de cursos de música. No ano seguinte, 2013, ele iniciou seu trabalho com as primeiras turmas do Curso de Musicalização para flauta doce e violão, atendendo crianças do 1º ao 5º ano e alunos do turno da noite.

E quando, em 2014, uma parceria entre as áreas de Cultura e Educação ampliou as atividades de música, dança, informática, recreação e outras, para os alunos em regime de Educação Integral, ele decidiu propor a formação de uma banda, que sempre foi uma tradição forte na cidade. Conversou com o gerente, lembrando que era preciso solicitar uma banda em outras escolas para os eventos no Sesc, ou até mesmo contratar uma banda profissional. A ideia foi aprovada e foram adquiridos os instrumentos, inicialmente só de percussão. “Então iniciamos as aulas de percussão e, com os alunos desse curso, formou-se a banda”, conta ele. Nesse primeiro momento, a banda contava com apenas 15 integrantes, porque eram poucos instrumentos.

No ano seguinte, começou o curso para instrumentos de sopro, mas a unidade não tinha como comprar os saxofones, clarinetes, trompetes e outros, por isso, um requisito para as inscrições era o aluno ter seu próprio

instrumento. Deu certo. A nova turma foi surgindo, os alunos começaram a ser preparados em fevereiro e, nas datas cívicas de setembro, a banda do Sesc desfilou bem mais completa.

“Aquele estilo musical estava em suas origens”, diz Flávio. Nascido em Piraúna, Paraíba, sua família mudou-se para Araripina quando ele tinha 11 anos, porque o pai seria contratado, com outros músicos, para tocar na banda de música da cidade. Incentivado pelos pais, aprendeu clarinete com o maestro Givanildo Joaquim e começou também a tocar na banda. Em 1999, fez o concurso municipal para ser admitido oficialmente como músico da banda, passou e mudou seu instrumento para saxofone, que toca até hoje. No mesmo ano, tornou-se regente da banda, mas dez anos depois, em 2009, deixou a regência para trabalhar no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), da prefeitura de Araripina, até que surgiu a oportunidade de trabalhar como instrutor de música no Sesc, em 2012.

Sensibilização pela música

A Banda Marcial Princesa do Araripe, no Sesc de Araripina, sob a regência de Francisco Flávio, crescia a cada ano e se tornava uma referência importante naquela cidade do extremo oeste de Pernambuco.



Enquanto isso, a 700 quilômetros dali, o jovem Cleydson Luan começava a dar aulas para o Grupo de Violinos no Sesc Piedade, em Jaboatão dos Guararapes, cidade vizinha de Recife. Veio como estagiário, em 2017, enquanto completava sua graduação na UFPE, e foi aprovado em 2019 na prova seletiva do Sesc-PE, quando passou a auxiliar a fundadora e coordenadora do Grupo de Violinos, Rakelly Nogueira, nas funções de regente e professor.

Porém Rakelly foi vítima de um trágico acidente de carro, e Luan, de repente, se viu com a missão triste e emocionante de preparar um concerto em homenagem à falecida maestrina. No Teatro Samuel Campelo, em plena pandemia, os músicos respeitaram o distanciamento social, todos usando máscara, exceto o que tocava pífano, único instrumento de sopro.

A professora Rakelly atuava também na rede de ensino básico do município de Jaboatão dos Guararapes e encaminhava alunos das escolas públicas para ingresso no Grupo de Violinos do Sesc. Ela percebia a arte como um meio de transformação e a educação musical como uma via de novas portas e descobertas.

*Um trabalho como este
que fazemos no Sesc
traz para os jovens
outro olhar sobre a sua
realidade, para além de
ser músico ou não.*

(Cleydson Luan
Amâncio de Lima)

Com essa abordagem, desenvolveu um trabalho artístico-pedagógico voltado para a formação holística do aluno e o processo de sensibilização pela música. Buscando a integração e a participação dos alunos no processo de ensino, desenvolveu no trabalho do grupo, além da música erudita ocidental, um repertório brasileiro com foco nos ritmos nordestinos.

Na visão de Luan, o projeto musical desenvolvido no Sesc Piedade é extremamente importante na forma como foi concebido pela professora

Rakelly. Ele próprio havia começado seus estudos de música, aos 13 anos de idade, em dois projetos sociais: um do governo do estado, chamado Orquestrando PE, em parceria com uma ONG chamada Organização de

Auxílio Fraterno, e o outro, do Movimento Pró-Criança, ligado à Arquidiocese de Olinda e Recife. “Um trabalho como este que fazemos no Sesc traz para os jovens outro olhar sobre a sua realidade, para além de ser músico ou não. Faz com que a pessoa perceba que está num espaço onde pode conhecer novas pessoas, possibilidades de educação e de apreciação cultural”, diz Luan.

Em 2021, com a volta dos eventos presenciais, ainda respeitando os protocolos sanitários do combate à pandemia, os jovens músicos do Sesc apresentaram-se em diversos eventos culturais e educacionais dentro da cidade de Jaboatão dos Guararapes, na região metropolitana do Recife, e em cidades do interior do estado de Pernambuco.

Com o falecimento da fundadora e professora Rakelly, o grupo foi assumido pelo professor Luan Lima, que vem dando continuidade aos trabalhos desenvolvidos. “Agora estamos vivendo um novo momento, que é de reestruturação. Estou dando aulas de violino a pessoas mais novas, para que, no ano que vem, o trabalho recomece, porque alguns dos alunos mais antigos seguiram outros rumos”, informa Luan.



Nessa linha, surgiu um novo projeto conduzido pelo coordenador dos cursos de Cultura, o professor Ângelo Lima: a montagem de uma peça de Villa-Lobos para ser apresentada no Congresso de Arte e Educação do Sesc. Foram incluídos, além dos violinos, outros instrumentos musicais, como clarinete, sax, flauta e percussão, por meio de parcerias com outros músicos,

ampliando o grupo e trazendo novos ares ao trabalho que vinha sendo feito. Para 2022, a ideia é acrescentar mais instrumentos, como viola e violoncelo, o que dá uma nova dimensão ao projeto. É um embrião para a formação da Orquestra de Câmara do Sesc Piedade.

Aproximando as pessoas da arte

Em Araripina, o som da banda marcial também começa a ecoar mais animado, depois de uma temporada praticamente em silêncio. Em 2020, não foi possível manter o curso de percussão, e as aulas de musicalização e sopro passaram a ser on-line, aos poucos tornando-se híbridas, com a parte presencial sempre ao ar livre.

No 7 de setembro de 2021, foi feita uma apresentação solene, com hasteamento da bandeira, na qual a banda tocou um dobrado, os hinos municipal, estadual e nacional. Uma nova apresentação aconteceu no dia 11 de setembro, aniversário da cidade, mas também sem desfile, com 25 músicos, apenas, muito menos que os 49 integrantes do último desfile de 2019, tudo dentro do Sesc.

Mas a perspectiva para 2022 é resgatar toda a empolgação que os alunos sentem ao participar do momento mais esperado por eles, que é o desfile cívico do aniversário da cidade, prestigiado por todas as escolas, as bandas marciais e as bandas filarmônicas. “Esse é o nosso foco principal, a nossa maior preparação, torcendo para que possa realmente acontecer”, exclama o regente e professor Francisco Flávio. Todos na Banda Marcial Princesa do Araripe sonham com a volta da animação dos eventos esportivos e escolares, dos Jogos Municipais, das datas comemorativas no Sesc e dos convites que chegavam a todo momento, para a presença da banda em eventos religiosos, festejos de Páscoa, Natal etc. “Preparávamos músicas especiais para cada um desses momentos, e era só alegria”, recorda ele. Uma característica marcante da Banda Marcial é o ritmo forte, adequado à marcha, marcado pela participação acentuada dos instrumentos de percussão, como as caixas, atabaques, pratos e bombos, enriquecido pela participação dos instrumentos de sopro.

A animação também volta a pulsar entre os músicos de outros projetos da Unidade do Sesc Araripina-PE. É o caso do grupo Sementes Sonoras, atualmente com 13 integrantes (já foram 18) selecionados nas turmas de violão, percussão

e instrumentos de sopro, dos cursos de música do Sesc. O Sementes Sonoras configura-se como um sistema de núcleos de estudos e práticas musicais, com participação gratuita, sob processo de seleção. “Fazemos testes com os alunos para ver quem tem mais compromisso com o estudo, tanto do instrumento quanto da teoria. Então, conversamos com os pais, porque todos são menores de idade, e fica tudo acertado com relação ao tempo dos estudos e ensaios que eles e todos nós precisamos cumprir, para representar o Sesc”, explica o maestro. Além dos instrumentos, estão presentes as vozes dos próprios alunos do grupo, cantando algumas músicas do repertório.

O grupo Sementes Sonoras trabalha com técnica vocal e instrumental, musicalização, expressão corporal e ensaios de repertório, garantindo que todos os participantes possam desenvolver-se no âmbito social, artístico e intelectual. No decorrer de sua trajetória, o grupo sempre buscou sintonizar sua atividade musical com a cultura popular brasileira e a comunidade.

Mas o foco de todos os projetos artísticos do Sesc de Araripina, nos últimos meses de 2021, foi a 3ª edição da Aldeia Princesa do Araripe, realizado de 12 a 21 de novembro. Nessas ocasiões, a cidade se transforma em importante polo cultural, oferecendo uma diversificada programação gratuita, com oficinas, teatro, dança e música – atualmente seguindo os protocolos de prevenção da Covid-19. “A nossa proposta é ocupar diversos espaços da cidade, com atividades artísticas nas escolas, ruas e comunidades rurais. Aproximando as pessoas da arte e fortalecendo a cultura local”, destacou o instrutor de atividades artísticas do Sesc Ler Araripina, Cristiano Santana.



Sesc PiauÍ

Na música, um novo caminho

A primeira apresentação da Orquestra Jovem em Parnaíba, criada a partir de grande empenho do Sesc Piauí e do apoio do DN, em 2005, revitalizou naquela cidade litorânea uma tradição musical que remonta ao século 18. Foi na Vila São João da Parnaíba, importante porto no Brasil Colônia, que se formou a segunda orquestra do país, criada pelo coronel Simpício Dias, próspero negociante e fazendeiro da região.



Claves em Sintonia

“O que mais me impressionou, nos primeiros momentos do meu trabalho na Orquestra Jovem do Sesc, foi a musicalidade das pessoas”, lembra Luizão Paiva, que assumiu em 2012 a direção musical da orquestra. Convidado pelo então presidente da Fecomércio-Piauí, Valdeci Cavalcante, o maestro e pianista Luís Antônio Oliveira Paiva e Silva passou a fazer parte da trajetória significativa desse projeto, que teve início na cidade de Parnaíba em 2004 e foi ampliado no ano seguinte para Teresina, capital do estado.

A facilidade e o gosto pela prática musical animaram o maestro a fazer arranjos com harmonias diferentes das quais aqueles jovens estavam acostumados a tocar, e a turma respondia bem, aprendendo rápido e levando o estudo a sério. “Percebi que era possível abrir o ouvido deles para a

riqueza que existe nas diversas manifestações da música. Então, fui mexendo no repertório e fazendo um trabalho diferente, porque todas as orquestras e bandas, aqui no Piauí, tocavam as mesmas músicas.”

Assim, a orquestra do Sesc passou a tocar também música erudita, música de cinema, e mesmo ao interpretar compositores brasileiros conhecidos, como Luiz Gonzaga, o maestro mesclava nos arranjos um estilo clássico ou jazzístico. Dessa forma, ele compartilhava com aqueles jovens a sua formação, iniciada aos seis anos de idade com sua avó Adalgisa Paiva, aluna de Villa Lobos. Luisão é bacharel em Professional Music (composição, arranjo e performance) na Berklee College of Music, em Boston, fez turnês e workshops em vários países, compôs trilhas sonoras para cinema, telenovelas e teatro, e vem atuando há quatro décadas com grandes nomes da MPB.

A partir da organização das orquestras de Parnaíba e de Teresina, as aulas de cada instrumento e os ensaios levaram naturalmente à formação de pequenos grupos camerísticos (as cameratas), para apresentações em eventos do Sesc e da comunidade.

Além disso, novos projetos intensificaram ainda mais o desenvolvimento musical na região. Em 2007, foi implantado no Piauí o Banco Digital Sesc de Partituras-Brasil, um acervo que visa preservar e difundir o patrimônio musical brasileiro, democratizando o acesso a partituras digitalizadas e editadas. E, no mesmo ano, realizou-se também o projeto Pauta Contemporânea, cujos conteúdos estão voltados para o desenvolvimento teórico, histórico e técnico da música contemporânea erudita brasileira.

Atualmente, as orquestras do Sesc nas unidades Caixeiral (em Parnaíba) e Ilhotas (em Teresina) integram o Projeto Claves em Sintonia, juntamente com os cursos de instrumentos e o canto coral.

A essência do Sesc é esta: um lugar de unir as pessoas, um lugar de confraternização, onde não só se permite que todos possam ir ao encontro da arte, como também que os artistas dialoguem entre si.

(Ricardo Morabito)

Promovendo a educação musical de crianças e jovens, nessas duas cidades, o projeto contribui para a inclusão social e a melhoria da qualidade de vida de seus participantes. O Programa de Comprometimento e Gratuidade torna possível para as pessoas de baixa renda o acesso ao mundo da música, valorizando, assim, o potencial artístico musical dos integrantes deste projeto. Cada aluno tem oportunidade de escolher, dentre várias opções, a modalidade com a qual ele mais se identifica. Como a formação de uma orquestra exige o amadurecimento técnico de cada integrante e do conjunto, o projeto prevê ações de formação musical inicial e continuada.



Revitalização cultural

A Orquestra Jovem do Sesc vem movimentando a vida cultural da comunidade, com a consolidação de um repertório que valoriza as manifestações regionais e, ao mesmo tempo, abrange diversos períodos históricos. A música de diversas regiões do mundo faz parte do repertório, mas a ênfase na música brasileira considera inclusive as produções locais e os artistas da atualidade.

“A revitalização cultural inclui ações de formação de plateia, com apresentações frequentes em escolas públicas, praças, shopping centers e centros culturais. Recitais de música, abertos ao público, tornaram-se frequentes nas salas de concertos das unidades do Sesc, e a presença das famílias dos alunos é sempre emocionante”, conta Pâmela Cristiana de Almeida, que atuou na coordenação de projetos culturais do Sesc Piauí.

“Aqueles jovens, em sua maioria, não teriam a mínima condição de terem acesso a um instrumento musical de orquestra, por questões financeiras”, diz Pâmela, destacando a importância que essa oportunidade significa para eles. “Tínhamos o compromisso, inclusive, de orientá-los sobre como manusear o instrumento e lidar com ele, porque não adiantaria só levar o instrumento para casa, era preciso saber estudar”, lembra ela. “A gente conversava com os pais, explicava, porque às vezes os ensaios em casa incomodavam, mas quando eles viam o resultado na apresentação do grupo da orquestra, aí era fantástico, se emocionavam, choravam, tiravam fotos...”

Durante a pandemia, para que as atividades não fossem interrompidas, eventos presenciais foram substituídos por apresentações on-line, com transmissão pelo canal do Sesc Piauí no Youtube. Foi o caso da 6ª edição do Projeto Natal de Música, promovido pelo Sesc Caixeiral, em dezembro de 2020. O concerto natalino, regido pelo maestro Wellington Silva, teve a participação dos alunos da Orquestra Jovem e do cantor Igor Souza, além da performance de dança *Um presente de Natal*, com as bailarinas Amanda Fernandes e Beatriz Santos.

Durante o ano de 2021, a prática do ensino a distância, com uma carga horária de 8 horas semanais, permitiu a continuidade dos trabalhos, atendendo às necessidades e expectativas de toda a comunidade e os propósitos da instituição. Por meio das plataformas disponíveis na internet, foram realizadas aulas expositivas em vídeo, inclusive com acompanhamento individual ou em grupo por meio de videoconferências, além do fornecimento de material didático (conteúdos teóricos e partituras) no e-mail do curso.

E no final de 2021, voltaram as apresentações presenciais, com todos os protocolos de segurança necessários. Para o Natal de Música, no Sesc Caixeiral, as janelas do Centro Cultural transformam-se num palco de emoções, carisma e arte, diante do público que aplaudiu, com os olhos cheios de encanto, as obras natalinas apresentadas pela orquestra, em parceria com o coral infantil da Escola Sesc.



Nos caminhos da música

Um desdobramento importantíssimo do projeto de Orquestras Jovens do Sesc acontece na vivência com a prática da música, despertando o gosto pela arte, trazendo oportunidades de transformação social e novas perspectivas de vida, por meio de atividades em grupo, contatos e intercâmbio com músicos de outras regiões.

“No Sesc Parnaíba, tive minhas primeiras aulas de contrabaixo e, em 2007, fomos participar de um festival em Teresina, quando o prof. Ernani Aguiar me ofereceu uma bolsa para estudar em Juiz de Fora”, conta Antônio Francisco, mais conhecido como Neto. Com essa oportunidade, ele se viu no meio de vários integrantes do projeto Pauta Contemporânea, participando do Curso Internacional de Férias da Pró-Música de Juiz de Fora (MG). Em seguida, estudou por seis anos no Conservatório de Tatuí (SP). Hoje, em São Paulo, continua sua formação musical de nível avançado no Instituto Bacarelli e é contrabaixista da Orquestra Sinfônica Heliópolis (OSH), com direção artística e regência do maestro Isaac Karabtchevsky. “Tenho muito carinho pela Orquestra Jovem do Sesc e muito orgulho de ter feito parte desse projeto”, diz Neto.

Outro ex-aluno que prosseguiu nos caminhos da música é Ricardo Morabito, que estuda composição no conservatório de Santo André. “Minha primeira experiência com música clássica foi no Sesc Avenida, em Parnaíba, aprendendo a tocar violoncelo com o prof. Paulo Soares. Quando comecei a ver que gostava daquilo, e tenho memórias maravilhosas daquela época no Sesc Avenida e no Sesc Caixeiral, onde conheci grandes amigos, fiz vários contatos, porque a essência do Sesc é esta: um lugar de unir as pessoas, um lugar de confraternização, onde não só se permite que todos possam ir ao encontro da arte, como também que os artistas dialoguem entre si. Isso é a virtude fundamental do Sesc, e é o que deve ser mantido na ideia de todos os projetos que virão”, afirma Ricardo.

Também violoncelista, Janilce Brandão entrou na Orquestra Jovem do Sesc quando estava no início dos seus estudos musicais. “Depois fui para Teresina fazer o curso de música na Universidade Federal do Piauí, logo depois passei

na orquestra Castro Alves, que faz parte do projeto NEOJIBA, formado por núcleos estaduais de orquestras juvenis da Bahia, e atualmente, faço o Curso Superior de Música na Universidade Federal da Bahia”, conta ela, em vídeo de homenagem aos 15 anos da Orquestra Jovem do Sesc Caixeiral.

A educadora musical Pâmela de Almeida fala de sua alegria ao ver que vários integrantes da Orquestra Jovem do Sesc encontram na música um novo caminho para suas vidas. “A família espera que o filho siga uma profissão que lhe dê segurança, porque ainda existe a crença de que se formar como músico não dá dinheiro, mas, de repente, você começa a ver alguns pais apoiando os filhos no estudo do instrumento. Isto é fantástico.”

“Muitos jovens que participam do nosso projeto vão trabalhar com música, alguns na Orquestra Sinfônica de Teresina, ou vão para outros estados e até para o exterior”, comenta o maestro Luisão. “São várias vertentes, vários caminhos, mas, em todos, é muito importante o conhecimento, o contato, abrir novos horizontes, porque mesmo para quem vai seguir outras profissões, a música faz diferença para toda a vida.”



Polo Educacional Sesc
Escola Sesc de Ensino Médio

A orquestra como espaço de inclusão

Em fevereiro de 2008, no Rio de Janeiro, a Escola Sesc de Ensino Médio (Esem) iniciava uma experiência inovadora no cenário da educação no Brasil, com ensino da mais alta qualidade, em tempo integral e escola-residência, abrindo suas portas para jovens de 13 a 16 anos, vindos dos diferentes estados do país.

No segundo semestre do mesmo ano, Juan Pablo Moreno Martin começou a trabalhar na Esem. Filho de espanhóis, nascido no Brasil, com licenciatura em Música e pós-graduação em Ensino da Arte, a convivência com os outros professores das diversas disciplinas e com centenas de alunos foi, para ele, uma oportunidade de acompanhar de perto a integração das linguagens artísticas (Artes Visuais, Artes Cênicas e Música) no conjunto das aprendizagens essenciais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que todos os alunos devem desenvolver durante as etapas e modalidades da Educação Básica.

“O componente Artes, no currículo comum, tem a ver com o conhecimento, então é um direito de cada estudante ter acesso a esse conhecimento que faz parte da história da humanidade”, diz ele. “Neste enfoque, o objetivo é desenvolver a percepção, a leitura e a possibilidade de análise de cada uma dessas linguagens. Essa é a dimensão de Artes no currículo comum. Mas a abordagem que adotamos seguiu um modelo inovador, como tudo nessa escola.”



Juan explica que as três linguagens artísticas, no currículo da Esem, passaram a ser trabalhadas também com o propósito de desenvolver competências para o aluno se expressar na linguagem artística que ele escolheu. “Além disso, tem outro eixo que é o da fruição e, para isso, contamos com um equipamento cultural como o Teatro da Escola, de 600 lugares, e uma equipe muito bem estruturada de especialistas programando atividades culturais nessas três linguagens. Tudo isso fazendo parte da formação integral que a escola propôs aos estudantes.” Assim, um curso de instrumento musical, como piano ou violino, faz parte de uma intencionalidade de desenvolvimento integral do sujeito, mesmo que ele não tenha interesse em se profissionalizar na música. “É nesse cenário que a música se faz presente na formação dos nossos alunos.”

Essa abordagem levou à compra de diversos instrumentos pela escola, a música ecoava pelos corredores, pátio e salas de aula, novos professores foram chegando e compartilhando suas experiências. Foi o caso de Chico Costa – Antônio Francisco Costa Filho –, que tinha percorrido muita estrada tocando com artistas famosos da MPB, além de cursar a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), local que se formou como bacharel em saxofone erudito. Sua participação na Esem começou no primeiro semestre de 2015 e no semestre seguinte ele assumiu também uma turma de Prática de Conjunto.

“Era engraçado, porque minha primeira turma de Prática de Conjunto tinha seis violões, tinha tudo, menos sopro”, recorda ele. “Nunca tinha tido essa experiência, mas topei o desafio e depois fiquei sabendo, meio em off, que aquela turma era considerada problemática. Na verdade, minha falta de experiência me ajudou. Por exemplo, nunca tinha afinado um violão e falei: ‘vocês são violonistas, vocês que afinem’. Esse gesto de passar a responsabilidade para a mão deles funcionou bem. Eles vestiram a camisa e a gente ensaiou durante o semestre uma música, para uma apresentação desse grupo, no final do ano, que acabou sendo ótima e foi muito aplaudida. Acho que por causa deste resultado, no ano seguinte, o Juan me convidou para trabalhar na implantação da orquestra, atuando como professor do naipe dos saxofones.”

Ferramenta de desenvolvimento musical

Em 2016, o professor Juan Pablo assumiu a Coordenação de Artes e a orquestra começou a se consolidar, com um professor responsável em cada grupo: percussão (Henrique), cordas (Juan), sopros (Chico) e voz (Débora).

A ideia do Juan – explica Chico Costa – “foi uma orquestra funcionando como um coletivo, juntando alunos de todos os níveis, para que eles tivessem a oportunidade de tocar juntos. Tocar junto, quando você está aprendendo, é fundamental, faz toda a diferença. Você trabalha afinação, trabalha paciência, entendimento do arranjo e sua função dentro do grupo naquele momento. Desde o início era muito interessante isso, e essa linha de trabalho foi o grande lance dessa orquestra. Geralmente, quando se fala em orquestra, você já tem uma base, porque o nome pressupõe que é um conjunto composto por músicos experientes, mas nunca foi essa a nossa proposta na escola”.

*Muitas vezes,
o meio musical tem
comportamentos
demasiadamente
excludentes, que
eliminam muitas
pessoas para selecionar
os que vão fazer
parte de um
determinado grupo.*

(Juan Pablo Moreno Martins)

A Orquestra da Esem é uma ferramenta de desenvolvimento musical e compõe uma metodologia, que promove o desenvolvimento pessoal, incentiva a autonomia intelectual, estimula a criatividade e possibilita a inserção social. Para fazer parte desse trabalho, observa Juan Pablo, “o estudante tem que querer participar desse coletivo. Apenas isso”.

O repertório é decidido coletivamente, a partir das sugestões de cada um, e Juan escreve os arranjos. “A partir de cada professor, vou tentando entender as possibilidades técnicas de cada integrante da orquestra, para criar arranjos didáticos. Essa é outra característica da

nossa orquestra. O arranjo didático consiste em que cada um vai tocar dentro do seu nível, então aquele que está iniciando já consegue participar, dentro do que ele consegue produzir no instrumento dele. E para o estudante

com mais experiência, crio uma parte que tenha um grau de dificuldade adequado, sempre proporcionando a todos eles um desafio, para que não se desestimulem, mas, ao mesmo tempo, tomando cuidado para que seja algo que eles consigam realizar”, explica ele.



A orquestra é vista, assim, como um espaço de inclusão. O arranjo didático possibilita essa inclusão, porque, muitas vezes, o meio musical, desde uma banda de rock até uma orquestra sinfônica, tem comportamentos demasiadamente excludentes, que eliminam muitas pessoas para selecionar os que vão fazer parte de um determinado grupo.

Convergência de linguagens artísticas

Além dos estudantes residentes da Esem, também moradores de bairros do entorno da escola podem fazer parte da orquestra e das aulas de música, por intermédio do Projeto Uzina. Assim, alunos da Esem têm a oportunidade de conviver com colegas da mesma idade, que são de realidades sociais distintas. Cria-se também uma convivência entre gerações, incluindo pessoas mais velhas.

Foi lendo uma revista que Felipe Teixeira Moreira soube das aulas de música na Escola do Sesc e foi logo se inscrever. Morador da Taquara, Jacarepaguá, ele gostava de sax, tocava na igreja, sabia algumas músicas de ouvido, mas tinha pouquíssima técnica e não sabia ler partitura. Na inscrição para a Esem, o aluno escolhe dois instrumentos, e ele escolheu violino, além do saxofone. “As pessoas diziam que não ia conseguir aprender, mas sempre gostei de tocar instrumentos diferentes, então, quando me cansava de um, tocava o outro. Estudar música no Sesc foi um divisor de águas em minha vida”, conta ele, destacando a importância do apoio que recebeu dos professores, especialmente de Chico Costa.

“Ele chegou aqui trazendo um saxofone dentro de uma mochila comum”, lembra Chico. “O saxofone chegou torto, porque vinha batendo nas coisas durante o percurso, então falei com um luthier, que arrumou de graça para ele. Felipe ficou um bom tempo estudando conosco, aprendeu a ler partituras, a cuidar dos instrumentos, a interpretar corretamente, e deu um salto extraordinário. Fez prova para a Marinha e a peça que escolheram foi idêntica à prova final que eu tinha feito no final dos quatro anos de faculdade: o *Concerto de Saxofone Alto e Orquestra*, de Alexander Glazunov. Dificílima. Mesmo assim, Felipe executou muito bem, mas, infelizmente, não conseguiu passar, porque a concorrência era muito grande. Espero que continue a trajetória de ótimo músico que ele é.”

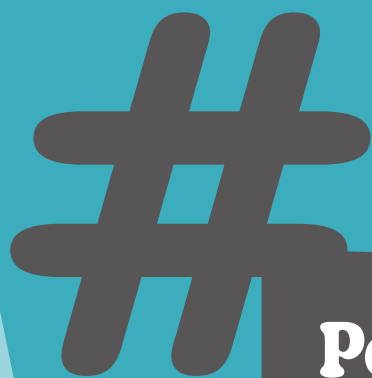


O projeto da Esem recomenda que os coletivos criem produtos artístico-culturais a serem apresentados no decorrer do ano, tendo como culminância um projeto de convergência entre as três linguagens, por meio de vivências artísticas e permanente discussão de temáticas relacionadas à arte, à cultura e à educação, visando estimular a produção artística juvenil.

Nessa linha, além de concertos musicais de encerramento do ano, foram produzidos espetáculos teatrais com a participação da orquestra na abertura, nos entreatos e no final do espetáculo. Foi o caso de *O Santo e a Porca*, de Ariano Suassuna, em 2017. “Foi maravilhoso, porque sempre quis tocar em palco, num grupo, e essa experiência foi muito gratificante. Participar desse tipo de espetáculo foi a realização de um sonho”, diz Felipe.

Para Juan Pablo, “esses espetáculos da companhia mobilizam muito a comunidade interna da escola e também o público externo, porque apesar de ser uma produção estudantil, a coisa é feita com tanta dedicação pelos estudantes, com tanto protagonismo, e também pela equipe de professores que coordena e faz a intermediação, que o resultado artístico é impressionante”.

O responsável pela Coordenação de Artes da Escola considera importantíssimo que a orquestra propicie este espaço de crescimento musical e social. Ele valoriza a convivência com a diversidade, experimentada pelos estudantes e professores da Esem, que são advindos de todos os estados do país, e, além disso, a possibilidade da convivência com jovens de outras realidades, outros territórios. “Morei na escola durante oito anos, até fevereiro de 2021, então me sinto muito feliz por ter participado desse projeto, que contribuiu imensamente para a formação e a transformação na vida de milhares de jovens.”



**Polo Socioambiental
Sesc Pantanal**

A importância da arte **para a comunidade**



A natureza sempre foi uma grande fonte de inspiração para a música clássica ou popular. E dentro da Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Sesc Pantanal, repleta de sons da típica fauna local, ecoam os acordes de uma orquestra formada por crianças, adolescentes e jovens da região. Ali o Sesc implantou o Polo Socioambiental do Pantanal, contribuindo para a conservação da biodiversidade, naquela área de extraordinária beleza, e promovendo a valorização da cultura, a qualidade de vida e o fortalecimento da cidadania, junto à comunidade.

A iniciativa do Sesc Pantanal cria um importante espaço para a música na cidade de Poconé. O projeto Orquestra Jovem Sesc Pantanal é uma parceria com o Instituto Ciranda, que desde 2003 desenvolve ações nas áreas da educação e cultura, utilizando a música como ferramenta de cidadania.

“Poconé fica na entrada do Pantanal e é distante da realidade de uma orquestra”, explica maestro Murilo Alves Pereira, presidente do Instituto Ciranda, Música e Cidadania. Como a cidade não tinha, até pouco tempo, nenhuma tradição nesse aspecto, foi preciso fazer um processo de sensibilização. Não bastava fazer uma chamada para que surgissem jovens interessados em tocar na orquestra. “A cada ano a nossa equipe vai às escolas

e um grupo de professores toca para os alunos, explicando cada instrumento e despertando o interesse deles para um universo com o qual eles não estão acostumados”, conta ele. Dessa forma, são anunciadas as vagas nas diversas modalidades que o projeto oferece: violino, viola, violoncelo, contrabaixo, flauta, clarineta, saxofone, trompete, trombone e percussão.

O projeto Orquestra Jovem Sesc Pantanal visa ampla formação humana e artístico-pedagógica de crianças, adolescentes e jovens por meio do trabalho orquestral. São oferecidas 110 vagas anuais, de forma gratuita, para os alunos, que têm aulas semanais de teoria musical e técnica instrumental. Além das aulas, há um tempo dedicado à prática musical coletiva, na qual os alunos ensaiam um repertório que reúne música erudita, música popular brasileira e regional.

As apresentações acontecem nas unidades do Sesc (Poconé e Pantanal), nas escolas públicas e em uma praça no centro de Poconé, revitalizando a vida cultural da região.



Para a metodologia de ensino do Instituto Ciranda, o momento do concerto é fundamental para a formação artística dos educandos. Vivências basilares que agregarão valores positivos em suas vidas acontecem desde o momento de preparação das peças até o momento de entrar no palco e encarar o público. O presidente do Instituto encara a criação da Orquestra Jovem Sesc Pantanal e a sistematização das aulas, em 2018, como um grande avanço, para que se pudesse despertar verdadeiro interesse e assiduidade dos alunos e o sentimento de pertencimento de toda comunidade. O primeiro concerto da Orquestra Jovem Sesc ocorreu em dezembro de 2018 na sede do Sesc em Poconé.

*A arte tem o poder
de gerar reflexões que
ampliam a visão e
nos ajudam a fazer
melhores escolhas
para a vida.*

(Murilo Alves Pereira)

Em 2020, diante das limitações causadas pela pandemia, o número de alunos foi reduzido para garantir um atendimento melhor, com aulas on-line durante um ano e meio. “Enfrentamos uma série de problemas, muitos alunos tinham dificuldades de conexão com a internet, mas conseguimos atravessar o período, e no segundo semestre de 2021 voltamos às aulas presenciais, inclusive realizando uma apresentação no mês de agosto”, diz Murilo.

“Agora é resgatar. Quando tivemos que interromper as atividades, o projeto estava num ponto crucial, que era oferecer uma orquestra de modo permanente, pela primeira vez na história da cidade. Um grupo ainda em formação, com três anos de estudo, mas já em condições de preparar um repertório um pouco mais elaborado para uma programação musical regular, fazendo apresentações semestrais para os pais e comunidade, inclusive uma pequena cantata de Natal na praça no final do ano.”

Milagres acontecem

Formado em Educação Artística com habilitação em Música, bacharelado em Regência na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e um mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea também na UFMT, Murilo Pereira encara seu trabalho como uma missão. “Estou caminhando para 21 anos como professor, maestro e militante dessas questões musicais”, diz ele. “O que norteia o Instituto Ciranda, e que temos levado para o Sesc, é uma crença muito forte na música como um poderoso instrumento de transformação social. Nada acontece da noite para o dia, pois não se trata de chegar com um instrumento musical nas comunidades, que vivem uma série de problemas sociais, e achar que o milagre está feito. Não é isso.”

É no dia a dia que se desenvolve o trabalho proposto no programa pedagógico no Sesc, explica ele. “Toda semana o aluno ter aula, receber uniforme, um instrumento musical que ele pode levar para casa e, de repente, estar ali na cidade caminhando com um violino nas costas e as pessoas lhe perguntarem, ‘que instrumento é esse aí?’, e ele começar a falar. É aí que se desenvolve um senso de pertencimento, saber que está representando algo bom dentro da comunidade. Acreditamos muito nisso.”

O que é trabalhado são os elementos de teoria musical, de harmonia, de técnica instrumental e de prática musical coletiva, que é juntar o grupo e ter um maestro ensaiando. “Nesses processos, os milagres vão acontecendo. É quando a criança, o adolescente, o jovem, amplia o universo do saber e do fazer, e percebe que faz parte de algo importante, valorizado pelos familiares, pela comunidade. É quando ele vivencia juntamente com os colegas e com os professores, mesmo que seja ainda como iniciante, a experiência de lidar com a arte. E a arte tem o poder de gerar reflexões que ampliam a visão e nos ajudam a fazer melhores escolhas para a vida.”

Segundo Murilo, uma das características do programa social de música, diferente do trabalho em um conservatório, é a não linearidade. É uma atividade que, a cada ano, ou talvez a cada semestre, precisa ter começo, meio e fim. O aluno, além das aulas regulares, precisa ensaiar bastante, chegar no dia da apresentação, convidar os familiares, ir para um palco e tocar para as pessoas, ainda que tenha aprendido uma escala apenas, cinco notinhas, mas assim que é construído o arranjo didático para que ele possa participar.

Momentos marcantes

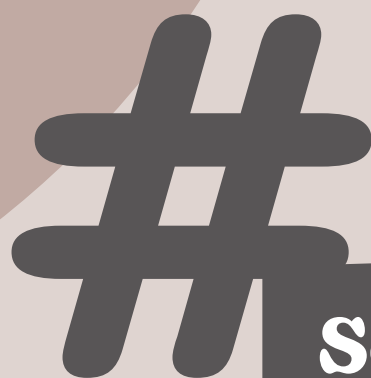
Os professores da Orquestra Jovem do Sesc Pantanal colecionam, a cada dia, recordações marcantes, como a trajetória de um aluno talentoso, Luiz Felipe Silva e Souza, que decidiu estudar contrabaixo, se envolveu com o instrumento, aprendeu a tocar no nível básico, prosseguiu nos estudos na Orquestra do Instituto Adventista de Ensino de Santa Catarina (IAESC) e hoje continua no meio musical no Instituto Ambiental do Paraná.



Outra recordação, citada por Murilo, foi a cena singela de um aluno de saxofone, chamado Maurício, que praticou bastante seu instrumento e de repente fez um lindo solo de “Flor Amorosa”, um choro tipo polca, de Joaquim Callado, que não é comum no repertório local. “É muito bonito quando o aluno dá um salto em direção a outras possibilidades de realização musical, outros estilos, outra cultura. Ele estava meio nervoso, ansioso, mas no final deu tudo certo, foi lindo.”

Outro momento singelo e inesquecível foi no final do ano 2020. “Ainda em plena pandemia, com todos os cuidados necessários, conseguimos reunir parte da orquestra para uma apresentação. Poucos alunos, poucos pais. Quando um professor solou ‘Meditação de Thaís’, do compositor francês Jules Massenet, ficamos impactados com a emoção de uma mãe, chorando enquanto escutava a música. Ficou nítida para todos nós a importância da arte na vida da comunidade”, recorda Murilo.

Com a evolução do grupo de alunos e a percepção cada vez mais forte de todos os moradores locais sobre a importância desse trabalho musical, a Orquestra Jovem do Pantanal está construindo um legado artístico na região, bastante afinado com a exuberante natureza do Pantanal Mato-Grossense.



**Sesc Rio Grande
do Norte**

Grandiosidade além da música



Quando Daniel Aguiar de Rezende apresentou ao Sesc no Rio Grande do Norte um projeto chamado “Educação Musical através de Xilofones Educativos”, em 2006, sua trajetória na música já havia percorrido várias etapas. Começou com o violão, aos 10 anos de idade, foi guitarrista em bandas de baile, entrou para a faculdade de Música, graduou-se em Educação Artística, pesquisou os instrumentos de sopro e acabou se apaixonando pelo fagote. Dedicou-se também ao contrafagote e tocou na Banda Sinfônica da Prefeitura de Natal e na Sinfônica de Sergipe.

Mas a formação em Educação Artística soou mais forte e ele se convenceu de que sua maior vocação era o ensino da Música. Em especial, para crianças e adolescentes, em projetos sociais. Na mesma ocasião, começou a construir xilofones, com um amigo luthier, fez uma Oficina de Verão no Sesc e acabou sendo contratado por dois anos, começando, assim, a colocar em prática seu projeto em uma comunidade na Vila de Ponta Negra. Ali estava sendo implantado o projeto Sesc Cidadão, que em seguida foi também para as cidades de Mossoró e Caicó.

A partir de tudo isso, surgiu a Orquestra Xilofônica do Sesc, em 2007. “Começamos a desenvolver núcleos da orquestra, também nas unidades do Sesc em Mossoró, Caicó, e na zona norte de Natal”, conta Daniel. Dois anos depois, ele participou de um processo seletivo e foi efetivado como professor,

mas foi se envolvendo cada vez mais com a gestão do projeto, sendo nomeado em 2011 para a Coordenação de Cultura do Sesc RN.

Para assumir o lugar de Daniel à frente da Orquestra Xilofônica, foi selecionado o maestro Eugênio Miguel Libório, formado em saxofone e em direção de grupos instrumentais pelo Conservatório Superior de Música de Aveiro, cidade onde nasceu, ao norte de Portugal. Pós-graduado em Regência Orquestral e em Gestão Cultural, além de mestrado em Performance, na Holanda, ele tinha uma ligação de longa data com o Brasil.

Além de saxofonista, Eugênio também tinha formação em cordas, especialmente violino, que foi seu segundo instrumento no conservatório. Sinalizou, então, que o projeto poderia avançar para o ensino de cordas, que seria embrião de uma Camerata Sesc RN.

“Passei a ensinar aos alunos como deve ser o entendimento da partitura, das notas, do som, da história da música, e à medida que aprendiam e aprofundavam seu conhecimento, eles próprios foram descobrindo que o xilofone é limitado para o resultado musical que poderiam ter e sentiram a necessidade de aprender instrumentos que lhes possibilitassem um pouco mais”, conta ele.



Agora, como coordenador de Cultura, Daniel deu todo apoio à proposta do novo maestro, assim como os gestores da unidade de Ponta Negra. O Departamento Nacional do Sesc aprovou a aquisição dos instrumentos necessários (violinos, cellos, violas clássicas, contrabaixos) e começou a ser formada a Camerata Sesc, concentrada em Natal. Em Mossoró e Caicó, foi mantida a formação da Orquestra Xilofônica.

“Os instrumentos de cordas não são tão fáceis de aprender, exigem uma dedicação que os meninos não estavam habituados”, explica o maestro. Mas eles se empenharam bastante, em quatro meses já tocavam algumas peças mais simples e continuaram evoluindo. “O fato de sentirem a necessidade de ter esse progresso também ajudou a andar mais rápido. Os instrumentos da família das cordas são muito favoráveis ao trabalho comunitário, até mais do que os de sopro em uma banda filarmônica. A aprendizagem de instrumentos de sopro é mais rápida e os alunos ficam alvoroçados, enquanto as cordas necessitam de mais calma e bastante atenção, mais amor, mais paciência, e isso é muito benéfico quando trabalhamos em comunidades e fazemos orquestras comunitárias, que era o caso dessa orquestra do Sesc Cidadão.”

O próprio maestro Eugênio Libório permaneceu regendo durante muito tempo a Orquestra Xilofônica, comenta Daniel. “Inicialmente, continuaram acontecendo apresentações só com os xilofones, até que a coisa foi evoluindo de um jeito tal que ficou apenas a Orquestra de Cordas. Mas no trabalho do maestro Eugênio à frente do grupo de alunos, o ensino e a prática de xilofones e percussão passaram a ser uma etapa na formação dos iniciantes, assim como o estudo da teoria musical. Eram seis meses para passar por aquele processo, até o momento em que o aluno amadurecia e escolhia o instrumento que iria estudar para poder tocar na Orquestra de Cordas.”

Os meninos começaram a se desenvolver no aprendizado dos instrumentos de cordas, e o grupo, inicialmente pequeno, ficou maior. Chegaram mais instrumentos, a orquestra continuou evoluindo, porém, em 2020, por conta da pandemia, o projeto teve de ser suspenso.

Uma escola para a vida

O desenvolvimento das capacidades musicais, espírito e trabalho de grupo, disciplina, socialização e educação constituem-se como os grandes objetivos que eram destacados no projeto de Orquestras Jovens do Sesc RN. Participar do aprendizado prático da música em uma orquestra, mais do que uma oportunidade de enriquecimento cultural, é também cultivar o espírito de grupo, a solidariedade e a amizade. É uma escola para a vida em todos os seus aspectos.

O trabalho social com a música não é criar músicos, não é fazer músicos: é educar por meio da música. E isso fica para a vida das pessoas.

(Eugênio Miguel Libório)

Eugênio observa que isso pode ser sentido tanto no comportamento e na disciplina dos meninos quanto na própria coesão da comunidade dos músicos. “Nossos alunos de Música sempre se destacaram por um respeito maior ao próximo, que é algo que nós aprendemos na prática musical. Extremamente honestos, sérios e dedicados àquilo que estavam fazendo, eram referência sempre que saíamos para tocar pelo estado representando o Sesc”, afirma ele. Isso se refletiu também na comunidade, nas famílias. “Os pais, avós e irmãos

veem a diferença no comportamento, a dedicação com os instrumentos e a felicidade deles quando saem para tocar na orquestra.”

Ele recorda, vivamente, até hoje, a emoção dos jovens que foram participar do Festival Internacional Sesc de Música, em Pelotas, em janeiro de 2020. “Quando vi o brilho no olhar deles, a satisfação que sentiam e o entendimento de terem alcançado alguma coisa importante, e que aquela era a viagem da vida deles, também me emocionei muito, porque eles conseguiram atingir isso com o seu trabalho, foram lá, se dedicaram e usufruíram o máximo possível.”

O maestro Eugênio, ainda à frente da orquestra, não pôde ir a Pelotas, porque estava em férias e aguardava o nascimento de um filho. Daniel Aguiar foi escalado para acompanhar os três alunos do Projeto Sesc Cidadão, Murilo

Gabriel Silva (18), Bruna Rodrigues (17) e Tereza Cristina de Lima (13), que tocam violino e violoncelo na Camerata de Cordas e iriam participar da Orquestra Jovem Sesc Brasil, formada por instrumentistas de vários estados.

Na ocasião, Daniel reencontrou colegas da Rede Sesc de Música, da qual ele participa pelo Programa Cultura. “Pude perceber, na prática, a importância e a grandiosidade do projeto Sesc Orquestras Jovens”, diz ele. “Um momento em que me encontrei com outras realidades do Brasil, ali presentes. Foi fantástico ver como o Sesc tem forças para fazer acontecer algo lindo, que une ensino musical e núcleos de orquestras jovens.”

Ele comenta a importância do projeto cultural no Sesc-RN, destacando o fato de ter alunos inseridos numa realidade em que as perspectivas de vida chegavam a ser bem cruéis. “A partir do momento em que passaram a ser alunos, acompanhamos o crescimento deles, para além da música, e percebemos a transformação humana. Talvez, eles pudessem se perder, mas, felizmente, muitos estão formados ou concluíram o Ensino Médio. Sempre que me encontro com eles, me emociono. Relatam que, graças aos anos vividos com a orquestra do Sesc, passaram a entender o que é ter uma disciplina, o que é se empenhar para realizar algo, o que é transformar a vida por meio de coisas que a música conseguiu mostrar a eles: foco, determinação, concentração, parceria e companheirismo.”

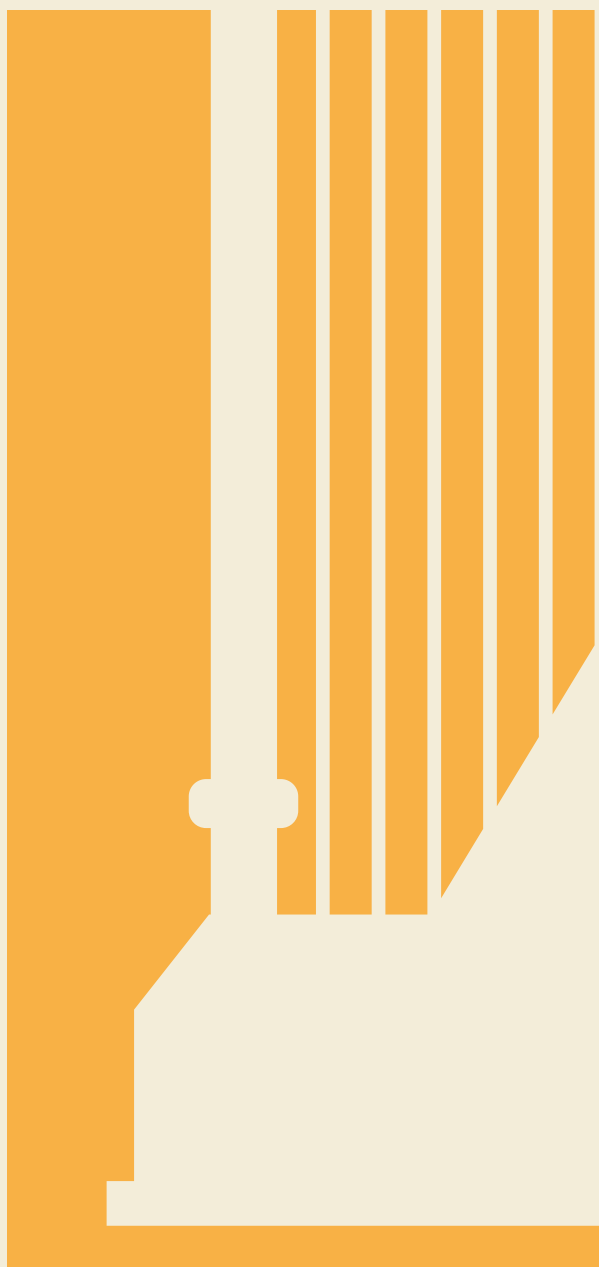
Segundo Daniel, alguns ex-alunos lhe dizem: “Estou trabalhando em um bom emprego, e agradeço muito ao Sesc, porque minha cabeça foi outra depois que eu passei pela orquestra”. Vários deles seguiram o caminho da música e já concluíram a graduação, alguns são apaixonados pelo ensino, outros estão atuando como músicos profissionais, enfim, conseguiram transformar a vida deles seguindo o caminho que escolheram.

O maestro Eugênio completa: “Seguindo ou não a carreira de músicos, o mais importante é que muda o comportamento para a vida, seja lá qual for a profissão que escolherem. O trabalho social com a música não é criar músicos, não é fazer músicos: é educar por meio da música. E isso fica para a vida das pessoas”.



Sesc Roraima

Vencendo desafios e superando limites



Ao ser criada a Orquestra de Câmara do Sesc Roraima, em 2005, a ideia era formar uma base para o trabalho musical que seria desenvolvido a partir de um grupo de alunos iniciantes em instrumentos e prática de Orquestra. Com o passar do tempo, a própria trajetória do projeto mostrou a possibilidade de se avançar efetivamente para uma orquestra profissional, por meio de um intenso trabalho artístico socioeducativo em Boa Vista e outras cidades do estado, atendendo e ampliando, dessa forma, um público apreciador de música.

A orquestra se concentrava, então, no trabalho de cordas, com um único professor, Antônio Alves de Castro Neves, que dava aulas de violino, violas clássicas, violoncelo e contrabaixo, além de ensinar os fundamentos — Teoria Musical e História da Música — para tentar inserir os alunos da melhor maneira possível no contexto que estava sendo delineado.

Antônio tinha cursado o Ensino Médio no próprio Sesc, em regime Integral, depois graduou-se em Metodologia e Ensino da Arte, e fez pós-graduação em Educação Musical pelo Instituto Federal do Amazonas. “Eu fui movido pela vontade de buscar melhorar o meu trabalho, e o Sesc me deu todo apoio para essa formação”, diz ele.

Quando foi iniciado o projeto da orquestra, a idade mínima era de 7 anos (ou quando a criança já sabia ler e escrever, porque isso faz falta no ensino da teoria) e ia até os 17 anos. Depois de um tempo, deixou de existir uma idade limite e foi instituído, para os adultos, um regime de curso livre. “Com isso, o projeto se expandiu e foi muito interessante”, conta Antônio, que teve alunos de todas as idades, inclusive de 50 anos. “Víamos que a pessoa tinha vontade de aprender aquilo desde criança e, de repente, surgia uma oportunidade. As pessoas acham que tocar um violino, por exemplo, é algo como um conto de fadas, uma coisa muito linda, então, quando surge um projeto que te ensina gratuitamente e ainda te empresta o instrumento, quem realmente sonha com isso não vai perder essa chance. Era muito gratificante poder ajudar essas pessoas a realizarem seu sonho.”

Por ser um curso livre, aberto a toda a comunidade, existem alunos de famílias sem recursos financeiros para trocar as cordas dos instrumentos, além de outros pequenos reparos decorrentes do desgaste natural, então, eu costumava solicitar ao Sesc que a gente comprasse as cordas, ou que os reparos fossem providenciados, com a condição de que o aluno continuasse a estudar o instrumento.



Trilhando o caminho certo

“Nosso projeto de orquestra era uma coisa nova na cidade e estava bastante ativo naquele momento, fazendo apresentações em escolas, na universidade federal, em unidades do Sesc e em outras instituições, e as pessoas ficavam maravilhadas de ver crianças tocando música clássica”, lembra Antônio de Castro Neves. O Espaço Multicultural do Sesc passou a ficar lotado nos recitais de final do ano, assim como em apresentações extras, e foi tomando corpo a ideia de um grupo musical formado pelos alunos mais avançados. Assim, o Quarteto de Cordas passou a se apresentar em várias cidades do interior de Roraima, com um repertório que contava a história da música.



A Orquestra de Câmara vem participando de seguidas edições do projeto Sesc Partituras, que promove concertos em várias partes do Brasil. Antônio guarda uma lembrança marcante da vinda do maestro, compositor e musicólogo Ernani Aguiar, para um concerto na cidade, um dos nomes mais importantes da música erudita no Brasil. “No hall de entrada do Palácio da Cultura, fizemos uma pequena apresentação, com os alunos tocando o Canon, de Johann Pachelbel, e o Ernani Aguiar, ao final do seu concerto, parabenizou

aquele grupo de alunos, dizendo que ficou impressionado ao ver crianças tocando daquela forma tão harmoniosa. Falou também que esperava que o Sesc continuasse a dar esse incentivo. É muito bom escutar um elogio assim, de um maestro como ele, porque nosso trabalho é árduo. Foi um grande estímulo, indicando que estávamos no caminho certo.”

Antônio saiu do Sesc, em 2016, para trilhar outro caminho em sua vida. Hoje, estuda Medicina na Universidade de Buenos Aires. E quando os amigos argentinos perguntam sobre sua vida, ele responde: “Não sou tão velho, mas tenho ex-alunos que são médicos, fisioterapeutas, jornalistas, fazendo curso superior de Música, tocando em orquestras...”. Até hoje ele toca seu violino e demonstra gratidão pela oportunidade que o Sesc propiciou em sua trajetória, afirmando que fica muito feliz em saber que os projetos de orquestras do Sesc ajudam milhares de jovens e de famílias, economicamente vulneráveis, a terem uma boa formação profissional, melhorando suas condições de vida.

Ultrapassando os muros de Roraima

Com a saída de Antônio de Castro Neves, a maestrina Lilyane Lopes foi selecionada para a função de regente da Orquestra de Câmara, com o desafio de promover o salto qualitativo que estava nos planos da direção do Sesc Roraima.

“Quando cheguei, a turma era nova e os meninos não sabiam tocar nada. Tinha apenas quatro meses para apresentar um recital. Mas era um compromisso que precisávamos cumprir. Começaram os ensaios e logo percebi o potencial dos meninos. Foi muito gratificante, porque eles se empenharam, estudaram com muita vontade de fazer tudo certo. E conseguimos!”, conta Lilyane, afirmando que Roraima é um estado de muitos talentos musicais.

Nos anos seguintes, a programação foi intensa, destacando-se os concertos em novas edições do Sesc Partituras, o Recital Sesc 2016, o ETRA — Reflexo da Cultura e o Recital Sesc 2018, no qual foi apresentado um novo formato de espetáculo. Em realização conjunta da área de Cultura com o Centro de Educação Sesc, o palco foi compartilhado por todos os segmentos culturais, de forma integrada, e as apresentações da orquestra, violão, coral, balé e grupo teatral aconteciam simultaneamente.

No ano de 2019, um dos maiores desafios foi a participação na primeira Mostra de Ópera, com a histórica encenação (pois foi a primeira apresentação completa de ópera no estado) da obra *I Pagliacci*, do compositor Rugero Leonvallo, no Teatro Municipal de Boa Vista. O espetáculo foi considerado pela crítica como o melhor evento do ano. E, encerrando o ano no recital da Mostra Artística Sesc Roraima, a orquestra interagiu com um público diversificado, formado por alunos, pais, comunidade e instituições sociais de apoio aos imigrantes.

O ano de 2020 começou com um dos principais acontecimentos da história da Orquestra de Roraima: a participação especial na 10ª edição do Festival Internacional Sesc de Música em Pelotas, com a presença de 20 músicos do projeto, que apresentaram três concertos no circuito do evento Festival na Comunidade. Além disso, sete alunos foram convidados para compor a Orquestra Jovem Sesc Brasil com outros jovens integrantes das orquestras do Pará, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe.

*Queríamos que o povo
escutasse a orquestra,
e que ela ultrapassasse
os muros do Sesc e
de Roraima, porque
a gente sabe que tem
muita coisa boa.*

(Lilyane Lopes)

“No hotel, a gente anda pelos corredores e escuta música o tempo inteiro. Andando pela cidade também. Isso nos inspira”, disse a maestrina Lilyane Lopes, em entrevista à imprensa durante o evento. “Estou muito satisfeita de podermos mostrar o nosso trabalho perante a comunidade e outros artistas. Esses jovens ensaiaram muito para estar aqui, todos os dias, a tarde toda. Perto das apresentações, eles ensaiam até nos fins de semana”, comentou, referindo-se às metas enormes superadas a cada ano pelo grupo de

alunos. “Estamos muito felizes, com tudo isso e com o resultado do trabalho, porque queríamos que o povo escutasse a orquestra, e que ela ultrapassasse os muros do Sesc e de Roraima, porque a gente sabe que tem muita coisa boa.”

Lilyane destacou a importância dessa viagem, que atravessou o país do extremo norte ao extremo sul, para o diálogo e a troca de experiências que é o Festival de Pelotas: “Mais do que aprender, confraternizar. É uma troca tão grande que nem é preciso falar muito, basta escutar um ao outro, ouvindo a música de cada um e fazendo amizades”.

A aluna Nickole Lopes, violinista, traduzia em palavras a empolgação do grupo: “Aprendemos técnicas e dinâmicas de concertos que, com certeza, farão toda diferença para nossa performance como músicos. Fomos muito elogiados por todos, nos três dias de apresentação, emocionamos várias pessoas que chegaram para nós, com cara de choro, dizendo que há tempos não se emocionavam assim num concerto. Houve uma pessoa que desmaiou de emoção no primeiro dia. [...] Agradeço a oportunidade de participar da Orquestra Jovem Sesc Brasil, que permitiu que a gente se apresentasse no Teatro Guarany. Foram dias intensos de ensaios. Foi ótimo para confraternizar com pessoas de outros estados, compartilhar e trocar conhecimentos musicais”.

Em 2021, a Orquestra Jovem Sesc Roraima passou por um período de reestruturação. A maestrina Lyliane Lopes encerrou sua carreira no Sesc, seguindo novos rumos profissionais. A orquestra seguiu se reinventando e foi contemplada pelo Programa de Comprometimento e Gratuidade do Sesc, que atende o público preferencial, alunos da Escola Sesc e comunidade, dentro do limite de três salários mínimos de renda familiar, oferecendo aulas, material didático, fardamento, transporte, lanche e instrumentos para a prática orquestral a 30 alunos, entre iniciantes e avançados, selecionados via edital. Em meio à diversidade e à pluralidade cultural de Roraima, a orquestra tem oportunizado para migrantes e alunos roraimenses um intercâmbio de conhecimentos e habilidades, com uma equipe de três instrutores venezuelanos, além de receber alunos indígenas fronteiriços das etnias Taurepang e Wapixana. Por meio do trabalho da orquestra, o Sesc vem afirmando seu papel fomentador, incentivador e difusor no cenário cultural de Roraima, democratizando o acesso ao aprendizado e à apreciação da música instrumental de concerto, prerrogativas constantes das Diretrizes de Ação do Sesc.



Como desafio, a Orquestra Sesc Roraima se apresentou no Teatro Municipal de Boa Vista, no projeto Mostra de Arte 2021, que abriu espaço à produção regional, por meio de atividades desenvolvidas no Sesc Roraima, em seus 33 anos de atuação no cenário cultural do estado e nos 75 anos de atuação do Sesc Brasil. A orquestra acompanhou a apresentação da música “Roraimeira”, uma das obras mais importantes de Roraima, do cantor e compositor Zeca Preto, ícone da expressão roraimense, um dos representantes do movimento Roraimeira, que surgiu na década de 1980, inspirado pelo movimento modernista e tropicalista, com a finalidade de promover as riquezas naturais da região Norte, a valorização do povo indígena e o amor pela terra, de forma a contribuir na formação da identidade da cultura local por meio de vários elementos, inclusive na música. O lançamento da música aconteceu em 1984, com a participação dos cantores Neuber Uchoa e Eliakin Rufino e, anos mais tarde, tornou-se oficialmente o hino cultural do estado de Roraima, sancionado pelo governo estadual, lembrado em todas as solenidades.

“É uma experiência fantástica poder acompanhar e vivenciar, por meio do Sesc, a diversidade que temos na orquestra este ano, um trabalho que proporciona o contato com as culturas que nos cercam e nos envolvem, como a dos migrantes indígenas e dos venezuelanos. Existe uma riqueza de saberes que fluem nas notas musicais, nas interpretações, nos afetos, no contato, nas trocas e experiências que vamos levar para sempre”, conclui Lilian Cristina Oliveira, analista de Cultura do Sesc-RR.



Sesc Sergipe

Ferramenta de transformação social

No primeiro dia em que foi à comunidade do Mosqueiro, no sul de Aracaju, para oferecer às crianças e jovens a oportunidade de aprender música, o professor e maestro Gledson Barbosa de Souza tentava falar do projeto e não conseguia, porque os meninos não paravam quietos. Depois de uma hora tentando se comunicar, pegou seu violino e começou a tocar. Só aí então a meninada fez silêncio e ele conseguiu falar: “Este violino é uma ferramenta que pode levar vocês a lugares que jamais imaginaram”. Poucos anos depois, alguns daqueles meninos, entre outros músicos da Orquestra Jovem Sesc Sergipe, estavam embarcando em um avião para participar do Festival Internacional Sesc de Música, em Pelotas, quando um deles virou-se para Gledson e disse: “Estamos aqui, professor! Lembra o que o senhor falou? Estamos indo para o extremo-sul do Brasil”.



Após a primeira viagem dos jovens músicos sergipanos ao Rio Grande do Sul, em 2018, dois técnicos do Sesc do Rio de Janeiro, que preparavam projetos em comunidades na capital carioca, foram ver pessoalmente como era a dinâmica do trabalho que estava acontecendo em Aracaju. O supervisor de Cultura do Sesc Sergipe, Cláudio Francisco Pinto, conta que foi com eles à comunidade do Mosqueiro e estavam aguardando o horário da aula, enquanto se ouvia uma algazarra de crianças brincando no pátio, quando chegou um menino de 10 anos trazendo um violino, montou a estante, pegou o instrumento, colocou o método na estante e começou a estudar. “Aquilo

chamou nossa atenção”, diz ele. “Vimos ali, na prática, um exemplo da disciplina que o estudo da música motiva, espontaneamente, nas crianças e a transformação que ela produz.”

Antes de assumir a supervisão da área de Cultura, Cláudio dava aulas de flauta naquela comunidade desde 2009, além de canto coral, dentro do projeto Caravana da Esperança. Aquele grupo de músicos iniciantes, com idade de 7 a 11 anos, tinha um repertório diversificado, fazendo apresentações nas comunidades e em diversos eventos do Sesc, mas ele percebeu que o limite de idade para participação no projeto poderia interromper o desenvolvimento musical dos meninos. Preocupado com isso, apresentou um projeto à direção do Sesc Sergipe, que deu origem ao Camerata Sesc. Em 2012, os alunos foram transferidos para o Camerata e este projeto recebeu apoio do Departamento Nacional na compra de 30 violinos. Rapidamente, observou-se o desenvolvimento dos alunos, devido à vivência anterior na prática de conjunto e à formação de repertório com a flauta doce.

Com a contratação do professor Gledson Souza, o grupo sistematizou as aulas de cordas e realizou algumas apresentações, como o Concerto da Gratidão, promovido pelo Sistema Fecomércio Sesc/Senac no Teatro Atheneu.

Além da comunidade Mosqueiro, em agosto de 2014, as aulas de violino foram introduzidas também na unidade Sesc em Nossa Senhora do Socorro, com a aquisição de mais 30 instrumentos. Assim, o projeto passou a ter duas turmas de violinos, uma no bairro do Mosqueiro e outra na cidade de Socorro. E no Sesc Ler da cidade de Indiaroba, pequeno município no litoral sul de Sergipe, o professor Emerson Araújo vinha realizando oficinas de música (flauta doce, violão, teclado e percussão), com o foco na criação de uma banda filarmônica.

Assim, os três polos (Mosqueiro, Socorro e Indiaroba) foram potencializados por esse projeto, transformando-se em referência de ensino de instrumento para cada comunidade. Crescia a cada ano o número de jovens, adolescentes e crianças interessados em estudar e praticar música no Sesc.



Quando digo que a música é uma ferramenta de transformação social na vida dos alunos, é porque a gente sabe da realidade de muitos jovens que conseguem superar suas limitações.

(Cláudio Francisco Pinto)

A Camerata Sesc — em articulação com grupos musicais das unidades do Sesc Sergipe, como a Orquestra e a Banda Filarmônica — representa a materialização do ensino da música de maneira efetiva e sistemática na instituição. Nesse sentido, a formação musical de jovens dessas comunidades, dentro da atividade Trabalho Social com Jovens (TSJ), ajuda a fomentar o protagonismo juvenil, o exercício da cidadania e a participação comunitária, além de ser uma importante ferramenta de difusão da música de concerto, trazendo para a instituição uma respeitável credencial em sua atuação sociocultural.

Superando expectativas

Em 2016, a orquestra esteve presente em diversos eventos, ainda em sua formação original que se limitava a violinos e flautas, e foi muito aplaudida. Um momento especial foi a abertura da Mostra Sergipana de Música – Sescanção, no Teatro Atheneu, reunindo representantes de várias unidades do Sesc e da produção musical de todo o estado.

A orquestra já contava com mais de 70 participantes, distribuídos nos polos do Mosqueiro, Indiaroba e Socorro, e havia perspectivas de ampliação desse número, com a aquisição de novos instrumentos. Gledson Barbosa recorda que, quando chegaram os instrumentos de corda, ele colocou todos no auditório (violas, cellos e contrabaixos) e mostrou o som de cada um, para os alunos conhecerem: “Então, a menina menorzinha pegou o contrabaixo e disse ‘eu quero esse instrumento grandão aqui’. Todos eles, que já eram violinistas, se identificaram com outros instrumentos, preenchendo o naipe de cordas. Dei dois dias de aulas para cada instrumento e entramos no recesso

de final de ano. Dia 3 de janeiro sugeri que eles dedicassem a semana inteira ao estudo dos instrumentos. E no dia 17, esse novo grupo fez a primeira apresentação”, conta ele. Foi tudo muito rápido, graças ao entusiasmo dos alunos. Isso foi no início de 2017, e no decorrer do ano foram instituídas aulas de teoria, em parceria com os cursos de instrumento e prática de conjunto, com um circuito de 42 concertos, a convite de diversas instituições de Sergipe. Os meninos começaram a estudar freneticamente e a orquestra pegou um nível que surpreendia a todos.

Já a Banda Filarmônica de Indiaroba foi sistematizada com a chegada de novos instrumentos na categoria de sopros (flautas, clarinetes, saxofones, trompete, trompa, eufônio, trombones, tuba), teclado, escaleta e percussão (glockenspiel, marimba, bateria e efeitos).



Nesse mesmo ano, os responsáveis pelo projeto enviaram uma gravação para os organizadores do Festival Internacional Sesc de Música, que ficaram impressionados com a qualidade musical dos meninos. Assim, surgiu o convite para a primeira participação dos jovens de Sergipe na 8ª edição do festival, em janeiro de 2018.

Para viabilizar a viagem, devido ao elevado custo, foram selecionados 15 alunos/músicos e cinco técnicos. A Direção Regional acreditou na proposta, aprovou e a enviou para o Departamento Nacional, que confirmou seu apoio. A partir daí, os trabalhos foram intensificados pelas equipes de Cultura (ensaios, arranjos etc.) e Assistência (preparação dos jovens e de seus familiares, orientação social, documentos, uniformes, viagem e hospedagem).

Finalmente chega o grande dia da viagem a Pelotas. Um misto de alegria e ansiedade contagia os jovens, por nunca terem tido a oportunidade de participar de uma experiência tão grandiosa.

Inicialmente, a expectativa do grupo, conforme a programação oficial do evento, era fazer concertos em algumas comunidades de Pelotas e participar dos cursos e oficinas na qualidade de observador, sem ter direito a audição por parte dos renomados professores, em função do nível dos demais participantes do evento. Porém, logo no primeiro dia, o maestro Gledson Barbosa conseguiu fazer com que a orquestra de Sergipe fizesse uma audição para os professores, e o resultado superou todas as expectativas.

Todos ficaram impressionados com o nível técnico daqueles jovens e a principal curiosidade era saber de onde era a orquestra. E nos concertos, o repertório criativo — contemplando músicas eruditas e populares, sem deixar de fora a música nordestina — arrancou aplausos de pé da plateia, provocando convites para apresentações extras na cidade, atraindo seguidores e repercutindo na mídia.

Como destaca o relatório do Sesc em Sergipe, sobre a participação da Orquestra Jovem no 8º Festival Internacional Sesc de Música, “no campo musical, é inegável o ganho técnico e a relevância da participação desses jovens num evento de tamanha magnitude, cumprindo os objetivos propostos pelo projeto. Como ganho social, para os jovens participantes do evento, podemos ressaltar empoderamento e protagonismo juvenil, resgate da autoestima, melhoria nas relações interpessoais, reconstrução e fortalecimento de laços afetivos e familiares, intercâmbio cultural e troca de experiência de vida com outros participantes do evento e com a comunidade local”.

Cláudio Pinto define o que aconteceu nesse festival como uma provocação extremamente positiva, porque ali, pela primeira vez, foram reunidos músicos das orquestras jovens de Sergipe, Piauí e Minas Gerais, e surgiu a ideia de uma Orquestra Jovem do Sesc com músicos de projetos semelhantes em diversos estados.

O Departamento Nacional mais uma vez apoiou, ao ver a força do trabalho desenvolvido nos Departamentos Regionais, e no ano seguinte, na 10ª edição do Festival Internacional Sesc de Música (janeiro de 2019), aconteceu a estreia da Orquestra Jovem Sesc Brasil. “Na primeira formação dessa orquestra, eram do Sesc Sergipe o spalla e os chefes de cada naipe”, comenta Gledson Barbosa.

Ainda em 2018, houve a participação da orquestra no Festival de Inverno de Sesc RJ/Quitandinha,¹ com resultado satisfatório. Além disso, foi criado no Regional o projeto Intercâmbio Cultural, com o objetivo de levar, aos alunos em Sergipe, masterclass de músicos renomados do cenário nacional.²

Somando as diferenças

Logo após o 10º Festival de Pelotas, veio a pandemia. “Parou tudo”, conta Gledson, que migrou para o home office e começou a dar aulas individuais on-line, aumentando sua carga horária para atender a todos os alunos que tinham condições de estudar por esse sistema. Porém, muitos ficaram sem aulas, por dificuldade de acesso à internet e falta de espaço em suas casas. Os principiantes se reduziram à metade, mas os antigos permaneceram tendo aulas, porque a música já fazia parte das suas vidas e alguns já trabalhavam como músicos. Além disso, uma parte dos alunos estava completando 18 anos e não poderia mais fazer parte do projeto, mas o Sesc deu suporte a esses alunos, com um curso preparatório para entrarem na universidade, além de manter sua participação na orquestra.

¹As Orquestras Jovens de Sergipe e do Piauí foram convidadas para o Festival Sesc de Inverno, havendo na programação masterclass músicos da OSB, bem como o maestro Lee Mills, incluindo regência de duas peças e do concerto.

²Alguns nomes que passaram pelo intercâmbio: Quinteto Encore (PE), Quinteto Paulista (formado por músicos da OSESP), Joel Barbosa (clarinete), Mário Ulhôa (violão), Cristina Tourinho (idem, UFBA), entre outros.

Na pior época da pandemia, não houve nenhuma apresentação pública, mas a equipe do projeto conseguiu realizar três concertos digitais, on-line, a partir de gravações feitas pelo celular ou computador na casa de cada integrante da orquestra.

Com a volta das atividades presenciais, o projeto recuperou a maior parte de seus alunos e há uma perspectiva de crescimento, inclusive com a abertura de novos Polos. A tendência é aumentar a quantidade de músicos em 2022.

“E o que a gente colheu desse trabalho todo?”, avalia Cláudio. “Centenas de crianças e jovens já passaram por este projeto, agregando, por meio da música, diversos valores para toda a vida, não só musicais. E muitos talentos se revelaram verdadeiras pérolas, que nunca tinham tido qualquer contato com os instrumentos de uma orquestra. E muitos jovens de comunidades estão fazendo faculdade de Música, alguns, inclusive, já tocam em orquestras.”

Cláudio se emociona ao contar que hoje tem o prazer de dizer, para o filho de sete anos, que está estudando piano, um conselho que sempre deu aos alunos: “Tenha na música uma companheira para o resto da sua vida, independentemente de ser um músico profissional ou não. Mesmo sendo um médico, um engenheiro, um professor, um advogado, você pode praticar algum instrumento e fazer parte de algum grupo musical. Quando digo que a música é uma ferramenta de transformação social na vida dos alunos, é porque a gente sabe da realidade de muitos jovens que conseguem superar suas limitações”.

A música, para ele, tem uma função educadora que vai além do ensino da prática musical: “Ao ler uma partitura, o aluno trabalha com a parte lógica, porque a música é matemática, divisão de tempo, fração, mas também com a emoção. Nesse cenário, ele precisa lidar com uma série de fatores ao mesmo tempo, ampliando a percepção como um todo”.

Uma recordação singela, porém muito especial, é destacada por Cláudio ao falar sobre a importância da música para as pessoas. “Participei de um encontro, em 2018, no Sesc Quitandinha, Rio de Janeiro, e quando entrei no teatro, em que um grupo estava ensaiando, senti uma emoção que arrepiou minha alma, tamanha a beleza do som produzido por aqueles músicos que

nem se conheciam. Mesmo acostumado com o ambiente musical, aquilo me marcou muito. Percebi que as pessoas são como notas e que cada nota tem um som diferente da outra, mas estavam ali afinados, todos com o mesmo propósito e se combinando em uma harmonia impressionante. É isto que a música nos traz. E é isso que nós, como pessoas, somos capazes de fazer quando somamos as nossas diferenças em prol de uma causa”, conclui.





#

**Sesc Rio Grande do Sul
Festival de Pelotas
Orquestra Sesc Brasil**



Apresentação histórica

Dez edições, totalizando um público de 312 mil pessoas, 2.739 alunos e 494 espetáculos. Em janeiro de 2020, ao final de sua décima edição, era este o saldo do Festival Internacional Sesc de Música, que “surgiu com o objetivo de democratizar o acesso à cultura e promover a aproximação do público com a música de concerto”, como registra o relatório do evento, destacando que, além de cumprir este propósito, ele transforma o cenário da cidade de Pelotas e deixa marcas que permanecem durante todo o ano.

Muito mais do que sua importância para o município e para a própria cultura musical do país, o Festival de Pelotas tornou-se um momento inesquecível e transformador na vida de centenas de integrantes das orquestras jovens do Sesc em todo o país.

Os alunos dos cursos de Música do Sesc, nos estados que participaram do evento, em sua maior parte, vieram de comunidades e não tinham viajado antes para outros estados, muito menos de avião. De repente, estavam se apresentando no palco do centenário Theatro Guarany, aplaudidos de pé por



milhares de pessoas, além de apresentarem concertos em vários outros locais da cidade. Isso depois de alguns dias de cursos, workshops e convivência com músicos do mundo inteiro, muitos deles renomados maestros, compositores, professores e intérpretes.



“Diferentemente de outros grandes festivais, aqui professores e alunos convivem fora da sala de aula, em vários espaços da cidade”, afirma Sílvia Bento, gerente de Cultura do Sesc-RS. Provenientes de 22 estados brasileiros e de vários países da América Latina, os alunos circulam alegremente pelas ruas, restaurantes e bares de Pelotas, carregando seus instrumentos, e veem seus professores tocando em recitais que proporcionam encontros inéditos de grandes músicos de várias partes do Brasil e de países como Islândia, Uruguai, China, Itália, Nova Zelândia, Alemanha, Argentina, Rússia, Noruega, Bielorrússia, França, Colômbia e Japão.

“Isso aqui é uma troca de experiências. Mais do que aprender, é confraternizar”, comenta Lilyane Lopes, maestrina da orquestra de Roraima, grupo que enfrentou 18 horas de viagem do extremo Norte até o extremo Sul do país. Como citado anteriormente, ela diz que “no hotel, a gente anda pelos corredores e escuta música o tempo inteiro. Os meninos ficam batendo de porta em porta: ‘Ei, posso escutar vocês?’ Todos fazendo amizades. Eu estou muito feliz! A gente tinha o sonho de vir para cá!”.

A 10ª edição do festival ficou marcada por acontecimentos especialmente significativos, como o concerto de abertura, a cargo da Orquestra Jovem Sesc Pará, executando *O Guarani*, de Carlos Gomes, além de peças de Tchaikovsky, Luiz Pardal, Hudson Nogueira, Leonard Bernstein e Arturo Márquez.

Ainda mais importante foi a apresentação que reuniu, pela primeira vez, cinquenta alunos dos projetos musicais do Sesc em sete estados (Mato Grosso do Sul, Maranhão, Minas Gerais, Piauí, Rio Grande do Norte, Roraima e Sergipe), formando a Orquestra Jovem Sesc Brasil. Composta por violinos, violas, violoncelos, contrabaixos e com o apoio de um percussionista, foi apresentado um repertório eclético, refletindo a diversidade dos integrantes: clássicos de Vivaldi e Guerra-Peixe, obras de compositores populares como Pixinguinha e peças contemporâneas, como trilhas de filmes.

De acordo com o maestro Fabrício Basso, que ensaiou o grupo para essa apresentação, a qualidade técnica dos jovens, vindos de projetos sociais bem desenvolvidos, permitiu a execução de obras musicais complexas, sem adaptação: “Todos vieram com muita qualidade. E a integração deles foi muito rápida”.

“A música une os povos”, frisou o maestro da Orquestra Jovem Sesc Sergipe, Emmanuel Chagas, lembrando que os alunos não se conheciam e logo estavam tocando juntos utilizando a linguagem musical escrita nas partituras. “Conseguir tocar um repertório, denso para o nível deles, em tão pouco tempo de aprendizado, só atestou o quão mágico é trabalhar com música. Torço para que possamos escrever bons capítulos na vida desses jovens, que precisam da nossa ajuda para terem um futuro digno e, conseqüentemente, possam melhorar cada dia mais o nosso país”, disse ele.

Impacto profundo

Segundo Gilberto de Figueiredo, do Departamento Nacional, o Festival de Pelotas, projeto desenvolvido pelo Sesc no Rio Grande do Sul, não está diretamente ligado ao projeto de formação de Orquestras do Sesc, mas foi utilizado por ser uma ótima possibilidade de vivência dos alunos que participam das orquestras desenvolvidas pelos Departamentos Regionais.

“Esse aspecto do festival aconteceu inicialmente em 2019, quando algumas orquestras tiveram uma primeira experiência de apresentação conjunta. E, em 2020, ficou mais configurada a formação da Orquestra Sesc Brasil, com alunos representando um número maior de projetos. Conseguimos, ali, chegar mais perto do nosso objetivo, que era um intercâmbio entre os vários projetos dos estados e a possibilidade de formação de um grupo com uma representação mais ampla. E a intenção era realizar, novamente, em 2021, esse encontro dos projetos regionais, com novas apresentações da orquestra jovem nacional, mas isso infelizmente não foi possível, por causa da pandemia”, explica Gilberto.



“A oportunidade de estudarem música nas suas cidades e de terem um palco para se apresentarem já causa um impacto profundo, tanto nesses jovens quanto em suas famílias”, diz Gilberto, lembrando que o apoio da família é fundamental nessa definição. “Uma família que não apoia coloca uma série de empecilhos, enquanto a família que apoia realmente abre portas para que o aluno continue seguindo no estudo da música. E a experiência da viagem, convivendo com músicos de várias partes do mundo, estimula o aluno a prosseguir nesse aprendizado, além de fortalecer neles a autonomia e a autoestima. Esses momentos de imersão exigem muito da postura deles, em termos de estudo e responsabilidade. Todo o contexto do festival é muito estimulante e eles voltam para casa querendo cada vez mais se dedicar à música.”

Mas o festival é muito mais do que isso, lembra Gilberto, porque recebe cerca de 300 alunos de várias regiões do Brasil e de países da América Latina, com o objetivo de fazer um trabalho de formação e de imersão complementar, com jovens que já tenham uma experiência de estudo da música regular, não apenas no Sesc como também em instituições diversas.

No ano de 2021, ainda em plena pandemia, foi oferecido pela equipe de Música do Departamento Nacional, em parceria com a área de Formação e Pesquisa, um curso on-line para os regentes e professores das orquestras jovens dos núcleos espalhados pelo país ligados a projetos sociais. Esse trabalho reverbera nos alunos, porque cada orquestra fez uma indicação de um subgrupo de alguns alunos para montar a Orquestra Jovem Sesc Brasil. “É a mesma coisa que a gente fez em Pelotas”, diz Gilberto, mas, nesse caso, cada grupo grava em seu estado, cada músico em sua própria casa ou no Sesc, e as gravações são editadas dentro do modelo de mosaico, que ficou muito em voga na pandemia.

“Cada Regional, cada estado, indicou de cinco a seis nomes, conforme um planejamento que fizemos representando os vários instrumentos da orquestra. Para isso, foram indicados os alunos mais aptos para ler as partituras que enviamos, e para ensaiar o repertório em tempo hábil”, conta Gilberto.

Momento mágico

Fabrício Basso, violinista, professor e regente, com experiência em projetos sociais, convidado para dirigir musicalmente a Orquestra Jovem Sesc Brasil no Festival de Pelotas em 2020, conta que não havia participado do evento no ano anterior, quando a experiência teve início com alunos de apenas três estados, mas a formação completa da orquestra aconteceu em 2020, com jovens de sete Regionais do Sesc.

Levar música para a vida das pessoas é algo a ser feito com alegria, porque vai contagiando, todo mundo sente. Os músicos tornam-se instrumentos de algo maior.

(Fabrício Basso, regente da Orquestra Jovem Brasil Sesc)

“Foi uma experiência maravilhosa, um grande desafio, formar a orquestra e preparar uma apresentação, com programa completo, em uma semana e meia”, recorda Fabrício. “No primeiro dia, foi feita uma seleção do repertório. Em seguida, uma audição com cada aluno, para o posicionamento da orquestra. Nas primeiras estantes ficaram os mais adiantados e as de trás foram preenchidas com o pessoal que tinha menos experiência.”

Contrastando com a excitação de 2020, não foi possível realizar o 11º Festival, em 2021. “Todos sentimos um grande baque”, lamenta ele. “Se pudéssemos nos

reencontrar, teria sido uma festa, pois as amizades que ali nasceram no ano anterior foram bem fortes.” Porém, nos meses seguintes, diz ele, “cada um ficou tentando, no seu barquinho, passar pelo maremoto, porque a pandemia foi muito traumática para o nosso setor”.

Voltando aos poucos a tocar em público, no final de 2021, Fabrício vem se dedicando cada vez mais à Educação Musical, que será sempre necessária, principalmente em projetos sociais como as Orquestras Jovens do Sesc nos estados, que ele ajudou a reunir em uma apresentação histórica.

“Aquele concerto em 2020 superou as expectativas de todos nós, no palco e na plateia. Os jovens tocaram de uma forma como nunca tinham tocado nos ensaios, foram impecáveis. O concerto foi maravilhoso e, o mais importante, eles estavam sempre sorrindo, felizes de estar ali. É isso que dá sentido ao nosso trabalho. Levar música para a vida das pessoas é algo a ser feito com alegria, porque vai contagiando, todo mundo sente. Os músicos tornam-se instrumentos de algo maior. Foi uma experiência muito impactante, protagonizada por jovens e crianças que há bem pouco tempo nem sabiam o que era um palco. Tomara que esses momentos mágicos se repitam muitas vezes.”

